

Director, editor e propretário
Antonino Dias Pinto de Castro
 —
 Redacção e Administração:
 Rua da Rainha, 56-A
 Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão

TIP. IDEAL

Telef. 4381

VISADO PELA CENSURA

— AVENÇA —

Areunião dos antigos Militares

do Regimento de Infantaria 20, em 1958

Coronel A. Quadros Flores,

Já aqui se sugeriu uma Comissão para levar a efeito a celebração do quadragésimo aniversário do mais brilhante feito do Regimento de Infantaria 20, e que passa em 12 de Março de 1958, e, sobretudo a erecção de um monumento que perpetue o sacrificio de Guimarães e seu concelho, contribuindo com avultado número de seus Filhos nos dois teatros da Guerra de 1914/18, o da Africa e o da França, na consolidação do Património Nacional.

Esta comemoração, que tem como base os militares que pertenceram ao «velho 20», e que são em grande maioria, abranje também todos os que nesse saudoso Regimento serviram, e ainda os que, sendo naturais desta cidade e concelho, foram combatentes da Grande Guerra em qualquer das Armas ou Serviços do Exército, e cujo esquecimento representa uma grave injustiça.

Por isso se sugere que na próxima reunião compareçam também estes últimos.

Quando à Comissão Executiva, cujos membros foram indicados como podendo ter condições, oportunidade e resistência para o desempenho de certas incumbências indispensáveis, mas que são trabalhosas, os quarenta anos que pesam sobre esse período da vida, não lhe permitem levar a termo tão honrosa missão, embora não lhes falte vontade e dedicação.

Mas tal facto bem lamentável parece que não há-de impedir que alguma coisa se realize, não com tanto brilho como o assunto merece, mas ainda assim dentro da dignidade e possível grandeza devida a tão solene acontecimento, que interessa a toda a gente de Guimarães.

Tudo depende das facilidades e auxilio que certas Entidades e Organismos possam prestar ao que se vai expor.

No que respeita à comemoração pode ser conduzida da mesma forma que a do ano passado, com programa identico, acrescentando-se-lhes o que se relaciona com o monumento a erigir, e essa parte é a que efectivamente poderá dar mais trabalho e diligências.

De modo que podemos já assentar em que o programa será, nas suas linhas gerais, o mesmo de 1956.

Acerca do Monumento há várias considerações a fazer — seu local, o seu aspecto artistico e o seu custo provável.

Quanto ao local já se tem debatido nas colunas deste jornal qual será o mais conveniente, e todos se inclinam para a praça destinada à estátua de Mumadona, nas novas obras do plano de urbanização.

Na verdade, se nesse plano de urbanização tivesse sido considerada a erecção do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, quero crer que esse seria o local escolhido, e a estátua de Mumadona poderia erguer-se no âmbito da velha cidade, mais à feição do seu significado e ambiente, e o Monumento poderia erguer-se na nova cidade, como marca do esforço do novo Guimarães a conjugar-se com o pano de fundo dos marcos fundamentais da cidade e da Nação.

E consagra assim o principio e o remate da nossa Obra de portugueses e vimaranenses.

Mas ainda há um local onde poderá ser erigido e ficará dignamente entregue — à guarda da nova unidade que vai constituir a guarnição de Guimarães.

Nas cernanias, ou no âmbito do aquartelamento, creio que será o local mais indicado para a sua erecção, já que não se pode dispor de outro.

Dos novos quartéis construídos só ainda não visitei o de Infantaria 8, em Braga, e nele se vê na parada, logo depois da porta de armas, uma grande placa de mármore negro com a inscrição a letras douradas dos nomes dos que caíram pela Pátria nos campos de batalha da Africa e França, e ali fizeram serviço.

E Braga, além desta Memória, tem ainda um monumento aos Mortos da G. G. nas traseiras da Câmara, local que ultimamente se julgou impróprio e se procura encontrar outro nas condições de dignidade, como se expunha em artigo de jornal.

Ora, neste caso de Guimarães

podem conjugar-se as duas memórias — a da alegoria e a dos nomes que caíram longe da sua terra.

E colocado em lugar cívico ao público, bastando para isso um arranjo que ficará a cargo dos técnicos.

Em Guimarães há arquitectos e engenheiros nascidos aqui, e que melhor sentirão a grandeza do empreendimento, e comprovada competência para tomarem o encargo do seu projecto.

E um escultor de nome consagrado, cujo valor é superfluo encarecer, e cuja estadia na cidade já lhe deu foros de vimaranense que, de colaboração com aqueles, poderá couceber a alegoria, também no ambiente próprio.

Os recursos para esta Obra estão por enquanto limitados à oferta

Continua na 2.ª página.

A Festa Anual da Soc. Martins Sarmiento

Com a costumada solenidade realizou-se, ontem, às 14 horas, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmiento, a tradicional Festa do 9 de Março, comemorativa do aniversário do Egrégio Patrono da nossa primeira instituição cultural, no decorrer da qual foi feita, por entre aplausos, a distribuição de prémios aos alunos mais aplicados dos nossos estabelecimentos de ensino.

O salão estava repleto de pessoas, vendo-se entre a assistência largamente representada a classe do professorado. Também assistiram as autoridades locais e muitas pessoas de representação, tendo presidido à sessão solene, em que falou brilhantemente sobre o significado daquela festa, o Presidente da Sociedade sr. Coronel Mário Cardoso, o sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, illustre Presidente da Câmara Municipal, que também usou da palavra, proferindo um brilhante discurso.

Depois da sessão solene, a que o adiamento da hora a que a mesma terminou, nos impossibilita de fazer mais larga referência, como era nosso desejo, foi oferecida às crianças premiadas uma sessão de cinema no nosso Teatro Jordão, por amável deferência da respectiva empresa.

GAZETILHA SAUDADES...

Ao fontanário velhinho que alegrava meu caminho, coisa má lhe aconteceu: — como o melro dos pinhais, a fonte não canta mais, perdeu o pio, morreu...

Era mais de centenário, o pobre do fontanário que agora passou à História: — e por isso, ó bom passante, estaca, tira o penante, e resa-lhe por memória...

Como os chorões do jardim, chorarão mgoas sem fim os buracos dos caleiros: — que, tirante a servidão, o tratavam como irmão, bons amigos, bons parceiros...

Tinha a amizade feliz do pingar dum chafariz, que sentirá o abandono: — mas, como não tem vagar, vai aprender a chorar, e só chorará no Outono...

Ao vir das consumições de pagar contribuições, a mesma ansia nos unta: — se eu pingava para o cofre, ele pingava, de chofre, na cantarinha vazia...

De longe a linfa lhe vinha, tão saborosa, e fresquinha, e com tamanha presteza: — que a Margarida ia à fonte, com as saudades do monte, e da nossa... água de mesa!...

Origão.

NEVE

Este meu estro é gasto, é já velhote,
 Tem medo à neve, ao frio traiçoeiro...
 Usa botas de elástico e capote,
 E lenço de Alcobça tabaqueiro...

E' um estro que se escusa ao vil dichote,
 Que se furta ao remoço galhofeiro,
 A's linguas viperinas de serrote,
 Ao cabotismo intruso, ao petroleiro...

E' velho e já não tem o são lirismo,
 Já não canta a ternura, o bucolismo
 Das largas serranias com pastores,

Da água cristalina a murmurar...
 E' um estro friorento, a tiritar,
 Metido entre lençóis e cobertores...

Janeiro de 1957.

DELFINO DE GUIMARÃES.

Bilhete de Paris

NOVAIS TEIXEIRA.

ORDEM E DESORDEM

Ao Zé Pinto Rodrigues, palavra generosa, que está no segredo da arte de falar justo, isto é, com justiça e justeza, e fez do Direito um caso de consciência.

O conceito de direitas e esquerdas está hoje desvirtuado pela acção corrosiva do oportunismo político. E' já manha antiga a arte e artimanha de apelar para a capa do viainho.

«Liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome!» Eis uma frase histórica. Mas quantos não se ocultam, com ela, em nome da negação da Liberdade! Ou estará a ideia de Deus livre de farisaísmo? Em todo o caso, quando se ataca a Liberdade não se destrói um principio humano que Cristo defendeu até à sacri-ficação! Tudo consiste em meter Cristo dentro da Igreja.

Os termos de «Ordem», «Desordem», «Revolução», «Contra-Revolução» têm um sentido quasi mistico na nomenclatura das direitas doutrinas. Mitos do Bem e mitos do Mal! Mas, como defnem elas esses conceitos? Não precisamos de ir a «palavras... palavras...» do nosso Shakespeare. Temos as pratas da casa. Temos o nosso Pache-co! Não se lhes teria antepido o nosso velho Pache-co, esse produto do liberalismo político? Ou pensa-se que basta gritar «Nada contra a Nação!» para tudo se fazer pela Nação? Desse parasitismo da vã retórica nutrem-se os vácuos da inteligência, quando não se abafam os toques da consciência. E' como atacar a realidade em nome do realismo e a Revolução em nome da Ordem. Quantas vezes em nome do realismo não se destrói a realidade e no repúdio da Revolução não se organiza a Desordem! Não, o que há é que ser sério, dentro dos limites do possível, quer dizer, até onde as possibilidades de cada qual lho permitam. Ou cre-se que o ser-se sério está ao alcance de todos nós?...

«Não há liberdade contra a Liberdade!» Desconfiemos desta regra combinatória! Quando ela se impõe a um povo das alturas do Poder, tremel pelos destinos livres desse mesmo povo! Está-se, em geral, a recusar-lhe o direito de julgar os actos dos seus governantes, e estes, a esquiva-rem o dever de prestar contas dos seus actos. E que é isso senão Desordem? E', pelo menos, uma confissão implícita de incapacidade para administrar a Ordem. Ou não será a maior das desordens a Ordem aferrolhada, contrita, unilateral, para uso próprio? Aonde foi parar aquele admirável «senão, não!» mediaval que tanto anda na boca dos que «senão, sim!»?

Não há que confundir texto legal com texto legítimo. Um texto legal não é sempre legítimo. A legitimidade de uma lei não assenta na determinação de um só homem pomposamente sancionada pelo concílio que ele próprio constituiu. Um povo que vive sob um regime de leis sem legitimidade é um povo que marcha a passo, mas um povo sem lei! A lei é para cumprir! Mas que lei? Porque há leis legiti-

mas e leis que não o são. O que se chama não sempre o é. Não forcemos Deus a escrever direito por linhas direitas! Estaremos em pecado mortal! E' de seus desígnios escrever direito por linhas tortas...

Assentes essas premissas, que são das da Ordem, governar sem Liberdade é uma frustração e um expediente de facilidade. Governar com Liberdade é bem mais difícil. Requere inteligência, noção de responsabilidades, amor à lei, nobreza e generosidade de coração. Se assim não fosse, quem se furtaria ao deleite de ser louvado? Quem, à grave responsabilidade de o não ser? São contias largas as que se ajustam só com Deus!...

Homens da direita e homens da esquerda. Entrava o homem da direita o sentido progressista da lei fundamental de um Estado legítimo, procurando neutralizar os seus efeitos pelas leis que aquela lei lhe consente. E' um direito que lhe assiste. O homem das esquerdas submette-se, como o das direitas, à lei de origem legítima, mas trata de reformá-la num sentido avançado pelos caminhos que a própria lei delimita. Fora de isso, não são homens das direitas nem das esquerdas, mas desordeiros, desordeiros simplesmente, olhem eles para a direita ou para a esquerda.

Ambos eles — não falemos, agora, dos desordeiros — têm a democracia liberal como uma constante em regime de governação do Estado. Mas, em nossos dias, não pode a democracia liberal visar o bem colectivo sem se aproximar cada vez mais da democracia social. Compete aos políticos, aos legisladores e aos homens de Estado torná-las conciliáveis. Como chamar a isso? O nome não importa. O que importa é a lealdade aos poderes de que se está legitimamente investido e fidelidade à nossa própria doutrinação. O resto é desordem, desordem das direitas ou das esquerdas, mas desordem! Há ainda os génios, os iluminados, os enviados de Deus, os casos únicos, os redentores.

Temos, por último, os crentes que não praticam, e os que praticam, mas não creem. No número destes não estão só os comunistas; estão muitos dos que os atacam. O comunista repudia a democracia liberal como um instrumento do capitalismo. Mas faz da democracia social, de que ele se reclama, um instrumento de oportunismo político, que joga na razão directa do interesse do Estado soviético, que é um Estado nacional como qualquer outro, mais estreitamente nacionalista que nenhum outro. O comunismo é, pois, o instrumento do Estado soviético. O comunista não é um homem de esquerdas. E', quando muito, um escravo à esquerda. Carece de liberdade de espirito e determinação. Não é um homem livre. Mas só os que o são têm direito de lho dizerem.

Eduardo Manuel de Almeida

(Página de Memórias)

Passou no dia 1 do corrente mês de Março mais um aniversário sobre o desaparecimento dum dos mais prestimosos Vimaranenses dos últimos tempos. Vive-se numa época em que os Homens de real valor esquecem, em que tudo parece medido pelo mesmo padrão, sem que se medite na acção exercida por esses espíritos no meio da sociedade em que viveram. Tudo se encaminha na mesma doida cavalgada em que predomina o mais odioso egoísmo, a mais brutal indiferença pelo bem estar de todos. E' que Eduardo M. de Almeida, falecido justamente quando a vida mais o devia prender na realização dos encargos que sobre seus ombros criara, e tantos eram, constituiu edificante exemplo das mais nobres virtudes de carácter, na permanente e inabalável intrepidez com que actuava onde a sua presença fosse necessária. Duma bondade e generosidade a todos os momentos postas à prova, nunca a sua porta se fechou a atender com as mais animadoras palavras aqueles — sem distincção de classes — que o procuravam. Os operários da Companhia de Fiação e T. de Guimarães, dessa Empresa que mercê dos inteligentes esforços que dispendeu, reabilitou e dirigiu durante alguns anos, tinham-no, pode dizer-se, como um pai e não um patrão. A sua acção na vida social foi sempre brilhante, nos cargos de destaque por ele desempenhados na Câmara, na Associação Comercial (hoje Gré-



Eduardo Manuel de Almeida

mio do Comércio), Associação Artística Vimaranense, etc. Sempre benquista e sempre pronto em bem-fazer, a todos prestava serviços, sem que o movesse outro sentimento que não fosse o de ser útil. Seria longo relato esta folha de benemerências que jamais desejaram ser galardoadas, pois não o consentiria a sua nobre modéstia, apesar do reconhecimento público de seus méritos.

Tinha Eduardo M. de Almeida em João Franco um devotado

Continua na 2.ª página.

Tribuna dum Galeno

A Misericórdia de Guimarães e o problema da habitação

Vai a Misericórdia de Guimarães assumir um encargo de grande responsabilidade mas de alto interesse geral para um concelho de tão densa população: a construção de bairros de casas de renda económica para pobres.

A primeira vista, o que qualquer um de nós é capaz de supor, parece que a Misericórdia de Guimarães vive numa situação privilegiada, dispondo de largos capitais para se lançar à construção de Bairros, num total de 70, 100 ou mais habitações.

Na verdade é arrojada a atitude da Misericórdia, que no momento presente vive uma situação precária.

No entanto não é dado às Mi-

sericórdias alienar os seus bens. Por isso o produto da venda dos diversos prédios expropriados dentro da cidade, de conformidade com o novo plano urbanístico, não pode de maneira alguma ser aproveitado para fazer face às enormes despesas da Misericórdia, de que o saldo devedor do último ano atinge algumas centenas de contos!

Depois de ponderado o assunto, entendeu a Mesa da Santa Casa da Misericórdia colaborar com as entidades concelhias, ajudando a minorar um dos problemas mais graves de Guimarães — a falta de habitações, que mais se faz sentir no momento presente, em que é necessário demolir bastantes prédios para a abertura dos novos e amplos arruamentos citadinos.

E se a Misericórdia procedendo assim teve um gesto simpático e de colaboração com as autoridades locais, a sua acção é sobretudo dignificante, humana e está dentro das obras a que se devem votar estas instituições de caridade. Entendo mesmo que todos os capitais disponíveis das Misericórdias, e que as mesmas não podem alienar, devam ser aproveitados em obras de interesse social, sempre em proveito das classes menos protegidas. Não aprovo, portanto, a compra de papéis de crédito ou os empréstimos por hipoteca, pois, apesar dos juros constituírem rendimento para as Misericórdias, o aproveitamento deste capital não beneficia, como podia, aqueles que merecem todo o nosso auxilio moral e material.

Um casal sem lar ou cuja habitação é uma esplanca, constitui ainda uma miséria e uma vergonha para os nossos tempos. Não se compreende a civilização do nosso povo pelo simples facto de o mandar à Escola e não o deixar andar descalço. Tudo isso é necessário, na verdade, mas também é preciso que todo o casal tenha o seu lar com um mínimo indispensável de higiene e conforto.

Ensine-mos o que é a vida sã e higiénica num lar higiénico. O resto virá depois.

A educação e a moral começam no lar familiar. Ora se esse lar é um antro sem luz e sem ar, onde as diversas pessoas da família se amontoam em promiscuidade, daí não podem sair homens sadios, de bons principios e de sã moral.

Por melhor educação que a criança receba na escola, se no lar não encontrar quem a norteie, quem a ampare, certamente que ela vivendo entre o vício e os maus costumes, há-de certamente

UMA MENSAGEM do Centro Literário Excelsior

e propósito das

Bodas de Prata do nosso Jornal

Ainda a propósito da recente celebração das Bodas de Prata do «Notícias de Guimarães», recebemos por via aérea a seguinte mensagem, do Centro Literário Excelsior, de S. Paulo, que nos apraz registar com profundo reconhecimento:

«...Sr. Antonino Dias Pinto de Castro, D.º Director do «Notícias de Guimarães» — Guimarães — Portugal.

De nossa muita consideração: Ao entrar o «Notícias de Guimarães» em seu vigésimo sexto ano de profícua existência publicitária, aprez-nos saudar o seu director.

...Sr. Antonino Dias Pinto de Castro, pelo auspicioso facto, fazendo nós sinceros votos pela ininterrupta e crescente prosperidade do brilhante semanário. Tendo a efeméride sido assinalada com a publicação do número especial do «Notícias de Guimarães», recheado o mesmo de volumosa e valiosa colaboração, em prosa e em verso, parabéns merece o respectivo director, pelo ingente esforço que, da sua parte, representa a publicação aludida.

Pelo estudo, pela cultura, para a fraternidade humana!

Centro Literário Excelsior — (a) Américo Rodrigues, Presidente.

Na agonia e morte do Burguês

Por EDUARDO D'ALMEIDA.

O escritor estava na sua obra: o autor, na personagem da sua criação. E assim temos de repudiar o dualismo sugerido na crítica de *Faguet*. Então, através do mesmo critério, quantos semelhantes, desde *Sócrates* e o seu «demonio»: o *Kant*, o filósofo da razão pura e o Leccionador da razão prática, por vezes tão nitidamente contraditórios na concessão e no impossível acordo; o frio e objectivista *Comte* do Positivismo, e o Sacerdote de uma nova religião; o *Mozart* clássico, aristocrático, pré-romântico e o *Mozart* ardente e revolucionário de *La Nozze di Figaro*; o *Poë* das novelas alucinadas e o emocionado e subtil poeta do *Corvo*; o *Stuart Mill* da economia e o coração generoso e dedicado que vemos em suas memórias; os flagrantes de *Papini* e de *Pitigrilli*, — até esse génio raro, criador de novos mundos ao pensamento e à ciência, de *Einstein* que, talvez prevendo as terríveis consequências da sua obra quando ao serviço do ódio, do instinto bárbaro de que o homem não conseguiu ainda libertar-se, recusa a intervenção cirúrgica que o podia salvar, preferindo morrer. Já depois de *Freud* anda toda uma complicada «ciência» na pesquisa e classificação das várias espécies na estrutura da personalidade humana... E o complexo do bovarismo em *Flaubert* não está apenas neste romance — é constante em toda a sua obra, mesmo sua característica primária e mais notável.

«Nesta semelhança, escreve *Jules de Gaultier*, entre o criador e a sua heroína surpreendemos, parece, o génio de *Flaubert*.» Essencialmente nela, explica, predominante à influência externa e à falsa concepção que faz de si própria, é a disposição especial ao inconformismo com a realidade, opondo-lhe sempre o voto contrário da imaginação: também em *Flaubert* havia impotência radical de adaptação a qualquer forma de realidade, apenas com a diferença de que a dominava, sobre ela construindo outra em formas estéticas. (Parece-me a mim, porém, que, sempre insatisfeito dessa luta, o escritor, mesmo depois de se libertar pela arte da escravidão à obra a romancear, continuava no homem, em seu espírito, a sua tortura por um «mais além e mais alto» no destino humano.) Estamos no mais profundo dessa admirável *La Tentation de Saint-Antoine*. É a tentação, o drama bovariano, na solidão ascética do próprio eremita com todo o zelo purificador da alma, pelas venturas ou prazeres terrenos — o ouro, a grandeza, a luxúria, o poder —, e por todas as congeminções do espírito — teogonias ou teologias, astrólogos ou alquimistas, ortodoxos ou heréticos, filósofos ou retóricos, ciências ou técnicas —. Tudo vão poeira de ilusões mortas, fumo de cinzas de labaredas extintas. «*Mon coeur est las, mes yeux sont troubles*»: até na ascensão da alma para o infinito.

Foi *Jules de Gaultier* quem, em estudos notáveis que muito perdem em não ser mais conhecidos e meditados — e então em nossos dias actuais de uma *flagrantíssima oportunidade* —, construiu sobre a obra de *Flaubert*, uma doutrina (ou explicação temática) de psicologia individual e social — o *Bovarismo*, através da qual analisa e critica vários sistemas filosóficos e políticos e aprecia a realidade viva e a extensão do fenómeno, definido, primeiramente, patologicamente, como o poder conferido ao homem de se conceber outro que não é, mas que, de maneira geral, consiste no poder de imaginar e da tendência de nos realizarmos no imaginado.

Além das condições temperamentais que explicam, em *Flaubert*, a intensidade desse complexo, em muito contribua a favorecê-lo a crise social, em que decorreu sua vida e escreveu sua obra, a transição de períodos históricos, na hora de agonia de um e na incerteza do vindouro.

(Continua).

cair na mesma rede do ambiente em que vive.

Por isso a Misericórdia de Guimarães ao tomar a iniciativa de empregar os capitais disponíveis, provenientes das casas que lhe estão a ser expropriadas, na construção de Bairros para pobres não teve outra ideia senão procurar norteá-los pelos princípios de caridade e justiça social.

De resto, procedendo assim, vai de encontro às ideias do Governo e de Sua Excelência o Ministro das Corporações, que num largo e arrojado plano está empenhado em que todos possam ter o seu lar económico e confortável.

Para se poder lançar a esta empresa espera no entanto a Misericórdia o auxílio do Estado e da Câmara. Certamente que nem um nem outro lhe negarão, quer participando nas referidas construções quer cedendo o terreno e urbanizando o local dos referidos bairros.

Auxiliando todos contribuiremos para um maior número de casas a construir e também aumentaremos assim o património da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.

Isto é uma das facetas do problema da nossa Misericórdia. Outros assuntos nos prendem ali a nossa atenção e de alto interesse para todos nós: são os problemas da assistência do Hospital de Santo António da referida Misericórdia.

A assistência a prestar multiplicar-se de dia para dia; a população dum concelho de mais de cem mil habitantes ali ocorre em proporções cada vez maiores, criando embaraços de toda a ordem, quer no que diz respeito a internamentos, quer ainda às despesas que se tornam incompatíveis.

Villemos ao assunto num próximo artigo.

J. Soares Leite.

A Reunião dos antigos militares

Continuação da 1.ª página.

ta do benemérito Comendador Alberto Pimenta Machado que, num gesto de camaradagem e de grande vimezanense adoptivo, ofereceu 20 contos para a erecção do Monumento, como saudosa recordação dos seus tempos de soldado do «velho 20», de que muito se orgulha.

Dizem-nos que havia outra verba de uns onze contos, produto de uma subscrição feita há mais de trinta anos e que, em virtude do fracasso das diligências para a erecção do Monumento, a Liga dos Combatentes retém até se lhe dar destino.

Também me dizem que houve mais outra verba da Câmara Municipal de então, na importância de 30 contos, destinada ao mesmo fim e que, pelo mesmo motivo, não teve aplicação.

Se a Liga ainda puder dispor da quantia e a Câmara renovar a promessa feita pela sua antecessora, obter-se-ão assim 61 contos, de cujo alcance não faço qualquer ideia num empreendimento desta natureza.

Poder-se-á dentro destas verbas e outras que se possam obter, erigir Memória condigna dos feitos dos soldados de Guimarães?

É natural que se deseje obra grandiosa, talvez espectacular, mas dentro dos limites da modestia e do significado destas acções os artistas vimaranenses podem encontrar inspiração compatível com os recursos ao seu dispor.

Para estas diligências é que se pedia a colaboração dos membros da Comissão Executiva, que compreendem as negociações com a Câmara, a Liga dos Combatentes e possivelmente com as Autoridades militares, civis e ministeria-

Sermões Quaresmais

Pelo P. Manuel Matos.

Da Varanda de S. Pedro — ao Tournal

Não se assuste, leitor... O sermão que lhe vou pregar... é humorístico e por isso, não o atemorizará, com certeza.

Uma pergunta: é católico? É? — ah! Bravo! Já quero apostar em como se admirou da minha admiração. Mas não se admire... Eu, é que me admiro... e sabe de quê? Do desassombro da sua afirmação: sim... sou católico!

Mas olhe que isto de um homem se declarar católico envolve responsabilidades...

E creia que muitos católicos nunca averiguaram as suas responsabilidades, como tais...

Mas vamos ao sermão. Vou pregar-lho da Varanda de S. Pedro — ao Tournal.

E quero pregar-lho da Varanda da Igreja de S. Pedro para lhe lembrar aquelas palavras de Jesus, garantia solene da invencibilidade da Igreja católica e que foram dirigidas ao chefe dos apóstolos: Tu és Pedro... e é sobre ti que fundarei a minha Igreja. Contra ela nada poderão os poderes do Inferno.

— Lá vem você com o inferno... dir-me-ás tu, leitor.

— Oh!... donde vêm, então, tantas perseguições à Igreja? Do inferno...

— Do inferno? — Sim. E creia que se não houvesse inferno não teria o homem necessidade dum Redentor...

Não haveria sanção contra a desobediência à Lei de Deus...

Não haveria castigo para o pecador...

— Disse-me já outro dia... pregador.

— Está bem. Ora... Há a varanda de Pilatos e a varanda de S. Pedro.

Da varanda de Pilatos assistiu-se um dia a um espectáculo horroroso: uma multidão ululante reclamou a morte para Cristo, chegando a dizer que o seu sangue caísse sobre si e os seus filhos.

— Israel pediu a Deus um castigo. Conhece-lo, não é verdade?

Em contrapartida pedia a libertação dum sedicioso: Barrabás.

São assim as multidões... cegas e desviradas...

Apesar de Pilatos dizer que não encontrava causa para o condenar, o povo insistiu: Crucifica-o... Crucifica-o... Se lhe perdoas, és inimigo de César...

E o pusilânime Governador Romano, receoso de perder as boas graças do Imperador, lava as mãos, declarando a inocência de Jesus e decreta a sentença: Seja crucificado.

O que se passou no Gólgota é simplesmente trágico e horrível... Não imaginas o delírio da multidão.

Cega pelo ódio, gritava: Vá! Desce agora da Cruz!

Tudo isto se via da varanda de Pilatos...

E que se vê da varanda de S. Pedro, ao Tournal?

Vê-se uma multidão... de católicos... no nome, que não nas obras...

Foram baptizados... e isto quer dizer que o sangue de Jesus Redentor lhes lavou as almas do pecado original... (Mal O conhecem...)

Que foram inscritos no livro dos Filhos de Deus pela graça... (Ignoram-na).

Que lhes foi conferido o título de cristãos... com direito a chamar Pai, ao próprio Deus...

E por isso Jesus ensinou: Quando orardes, dizeis assim: Pai Nosso, que estais no Céu... (Quem reza isto com Amor?)

Mas que faz a multidão que se vê da varanda de S. Pedro? Nada. Nada? — Sim... Nada. Mas este «nada» é a terceira pessoa do singular do indicativo presente do verbo «nadar».

— Nadar?...

— Sim... Nadam uns no mar obscuro da ambição e da inveja.

para a obtenção de verbas necessárias e de representação nas cerimónias.

Mas creio bem que os antigos militares do 20, e antigos combatentes da G. G. e mesmo todos os vimaranenses e seus Organismos de actividade, não deixarão de aproveitar esta oportunidade de consagrar, com a erecção do seu Monumento, o esforço inicial e de remate da sua nacionalidade.

Em volta desta sugestão podem reunir-se todos — Câmara, Grémio do Comércio, Associações Científicas, Sociais e Desportivas — em fim todos os vimaranenses para que no próximo ano, o do quadragésimo aniversário do feito glorioso do 20, se possa realizar ao menos a cerimónia do lançamento da primeira pedra para o Monumento dos Mortos da Grande Guerra, que ficará à guarda do seu novo Regimento — o de Cavalaria 6. Braga, 25-2-07.

Nadam outros no pélogo tenebroso da crápula...

Nadam muitos num Tiberiades revoltado em que as paixões mais vis lutam contra a Fé em Cristo e em Deus.

E dizem que são católicos... Não lhes aborrece o ócio... não os impacienta o ridículo dum conversa inútil... não os cansa a pasmaceira da vida...

Cansa-os a prática da Religião... e são católicos... (dizem que são...) A Igreja de S. Pedro... está deserta... ao passo que... dali vê-se uma multidão... de católicos... que passam sem olhar para ela... e não pensam em Quem a habita...

Ao domingo, os poucos que vão à missa — memorial místico e incruento do drama do Calvário — querem-na rápida, fugidia... à caçador...

Muitos regeitam-na como coisa sem valia...

E uns tantos daqueles que a procuram, contentam-se em vê-la de longe, do largo... do passio...

Meus Senhores: Este catolicismo... é... nada! Mas este «nada», agora, significa: coisa nenhuma.

Espanto-me, acreditem, quando vejo tantos católicos assistindo a um desafio de futebol ou à exibição dum filme de cinema.

Quando ao futebol ninguém regateia o tempo de espera, a sua duração e a demora na saída...

Quando ao cinema, nota-se a prontidão em cada um ocupar o seu lugar... e o prejuízo de três horas...

Para assistir à Santa Missa... é uma maçada...

Dirão: o futebol entusiasma... o cinema deleita... e a missa não enche barriga...

Estou de acordo... mas alongo a resposta: Já o apóstolo S. Paulo descobriu, no seu tempo, a existência de crentes cujo Deus era o Ventre... «Quorum Deus venter est...»

Mas também pergunto: O futebol enche-lhe a barriga? E o cinema?

Diga antes: sim, sou católico, mas não sei o que isso é...

— Ah! assim compreendo... e admiro, também, a sua franqueza. E findou o sermão de hoje...

A seguir:

Da Varanda dos Santos Passos — ao Campo da Feira.

MUSEU Alberto Sampaio

Recebemos da ilustre Directora do Museu Alberto Sampaio, o seguinte officio:

... Senhor Director do «Notícias de Guimarães»

O n.º 1312, de 17 de Fevereiro último do jornal de V. ... publica um artigo dedicado a este Museu, que agradeço. É necessariamente com muita simpatia que vejo a Imprensa local ocupar-se dos seus problemas. Tenho porém a pedir a V. ... a fineza de mandar rectificar duas afirmações que não são exactas:

Uma, a Colecção de Armaria do Visconde de Pindela foi adquirida pela Direcção-Geral da Fazenda Pública, para o Museu, e não doada.

Outra, a de que expendi a ideia de aproveitar o edificio actual da Caixa Geral de Depósitos para alargar o Museu. A ideia não é minha, surgiu e foi aprovada anteriormente à minha posse, não sei devida a quem. Não se trata também de um remédio que se alivie. É um plano já aprovado por S. Ex.ª o Ministro das Obras Públicas e apenas se aguarda o despejo do imóvel para iniciar as obras que incluem também todo o andar superior da Colegiada. Tudo isto estava já estudado e decidido antes da minha vinda.

Apresento a V. ... os meus cumprimentos.

Guimarães, 7 de Marco de 1957.

A Directora, Maria Emilia Amaral Teixeira.

Teatro dos Caixeiros

Temos conhecimento de que principiam os ensaios do *Teatro dos Caixeiros* que, segundo consta, vai fazer a sua apresentação na nossa elegante casa de espectáculo no dia 8 do próximo mês de Abril. Consta também que este espectáculo vai ser dedicado à Sub-Agência em Guimarães da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, e que às 0,30 horas do dia 9 de Abril será prestada, numa deslumbrante Apoteose, uma homenagem aos Soldados de Portugal.

Arraiais e Romarias — Fruto proibido

Vi e li um cartaz de romaria — da chamada «romaria pequena» de S. Torcato. Nele se avisavam os forasteiros: de que eram proibidas as danças, cantares ou quaisquer outras diversões.

Para mais eficácia do aviso, elucidavam-se os forasteiros com a transcrição das pastorais que determinavam as referidas proibições.

Um jornal da terra, ao noticiar a romaria, acrescentou ao programa o mesmo prévio aviso do cartaz:

«Por ocasião ou a pretexto da festa, não se permitem nos terreiros do Santuário danças, bailados, divertimentos, espectáculos e descantes profanos».

Fica, por esta maneira expressa, claramente compreendido:

O que as autoridades eclesiásticas proíbem, é que em determinadas zonas do Santuário a romaria se expanda, à maneira tradicional e popular, cantando, bailando, petiscando, namorando. E como essas zonas abrangem todos os terreiros que envolvem o Santuário, implicitamente é — interdita a romaria!

Anunciar, em tais condições, uma romaria — que era um quadro vivo das romarias do Minho — o mesmo é que afastar da referida quermesse os seus forasteiros.

Podem dizer-se que a «devoção» dos fiéis tem ainda o manancial das graças. Para amenizar a falta das diversões profanas do gosto popular, lá vem no cartaz, lá vem nas notícias, esta recompensa sedutora para as almas cristãs:

«Quem visitar o Santuário... ou tomar parte na romagem à Capela da Fonte, pode ganhar indulgência plenária».

Quer dizer: Se os fiéis, resignados, aceitarem a abstinência da diversão romarieira, ficam aptos a conquistarem uma indulgência, tão plenária, que os redime, purifica, salva, conduzindo-os à bemaventurança dos Santos.

Por que hão-de hesitar os forasteiros?...

O caso não é novo. De longe vem a oposição da Igreja aos arraiais de feição profana, praticados sob a égide dos Santos. A esta «policia» dos costumes religiosos se opõem, não apenas as críticas literárias de certos escritores menos ortodoxos, mas igualmente alguns sacerdotes que se reputam na posse do bom senso — embora correndo o risco de uma reprimenda de feição disciplinar.

Escreveu um desses Reverendos, apreciando o psiquismo do povo:

«Em S. Torcato, o povo que se diverte e reza, que dança e se ajoelha penitente, que ri de contentamento e verte lágrimas junto do Orago, também expande as suas alegrias. E' certo. Mas, na sua grande maioria, nem por isso deverá ser considerado maldoso. O rei David dançou na presença da Arca de Aliança e louvou ao Senhor.» — (P.ª José da Costa Duarte).

Não é de admitir que este Sacerdote, ao exprimir o seu comentário sobre esta matéria, ignorasse as pastorais dos bispos e arcebispos da Igreja. Ora, se este Sacerdote assim discorreu e deste modo libérrimo se pronunciou, não é de estranhar que os escritores laicos assim se pronunciem sobre a matéria:

«E' lamentável que certos pastores de almas pretendam interditar as romarias, sob pena de excomunição, aos pobres camponeses, escravos sem alforria e sem outro recreio. Abatem ao activo do património regional o melhor prémio conferido ao suor dos humildes. Privam-no, simultaneamente, da mais característica das suas riquezas. E em vez de corrigir os costumes, mascaram-nos de hipocrisia.» — (Dr. Sousa Costa).

Afora a exexactidão, quanto a serem «certos pastores de almas» os que interditam as romarias, — quando é a própria Igreja quem determina a medida — todo o contexto do comentário está certo.

Dir-se-á que a medida proibitiva se condiciona, apenas, aos terreiros circunvizinhos ao templo. Para além desta zona, podem os forasteiros praticar os seus folguedos habituais.

BAILE INFANTIL

No decorrer de um animado baile infantil que no dia de entrudo se realizou nos salões do Teatro Jordão, foram classificadas as crianças mais bem fantasiadas, pela seguinte ordem:

Meninas: 1.ª, Nair Ribeiro Pinto; 2.ª, Maria Manuela Fernandes; 3.ª, Delfina Odete Fonseca; 4.ª, Maria Natália Fernandes.

Meninos: 1.ª, Artur Andrade Azevedo; 2.ª, José Matos Campos; 3.ª, Telmo Alexandre Rodrigues e 4.ª, Manuel Carlos Machado.

A todas as crianças foram conferidos interessantes prémios.

O júri que fez a classificação era constituído pelas sr.ªs D. Alice Sampaio Faria, D. Maria Zulima Pimenta Martins Fernandes e D. Rosa Cândida de Freitas.

Será assim? Não é. Apenas se trata de... mera aparência de tolerância. Na realidade, a medida tem em seu objectivo — como brilhantemente escreve Sousa Costa — «abater ao activo do património regional o melhor prémio conferido ao suor dos humildes!»

Termino, dizendo:

Nada mais contrário e ineficaz à propagação da romaria de S. Torcato, que fixar no seu cartaz a proibição das diversões populares, tão tradicionais aos forasteiros!

A. L. DE CARVALHO.

Eduardo M. de Almeida

Continuação da 1.ª página

amigo e admirador, sendo disso testemunho a afectuosa correspondência epistolar que ambos mantiveram, particularmente naquella quadra política em que o prestígio de Guimarães se defendia, tendo assim o 1.º Ministro do Rei D. Carlos conquistado entre nós aquela simpatia que quase parecia um fanatismo. Nada mais quis Eduardo M. Almeida de João Franco do que a leal estima e sincera amizade que desde a primeira hora lhe votou.

Pelo amor e progresso da sua terra muitos sacrificios fez, sem poupar muitas vezes nem a sua saúde, nem os seus bens pessoais, como aconteceu quando acudiu ao estado de quase falência a que chegara a primeira empresa, constituída por ingleses, que tomou a seu cargo o fornecimento público da Luz Eléctrica.

Foi esse amor bairrista que o tornou ainda um jornalista muito apreciável, escrevendo com assiduidade na Imprensa local.

Outras facetas possuía ainda que lhe davam aso de veranear em comovidas digressões artísticas, nas quais tivemos a íntima ventura de acompanhá-lo, como quando na época balnear na Póvoa de Varzim, nos levava consigo para o ver pintar aquelas lindas aguarelas, que religiosamente conservamos em nosso poder, como saudosas reliquias. Com ele aprendemos a amar a Arte, nas suas expressões mais elevadas, pois ele teria sido um consagrado Artista, se de lá fizesse a sua profissão.

Tivemos ainda a felicidade de ser por nosso Pai acompanhado até Inglaterra, onde permanecemos alguns meses (tendo partido nos princípios de Novembro), com o fim de nos preparar no conhecimento, sobretudo, de línguas estrangeiras, para a carreira comercial a que nos queria destinar na successão directa dos seus trabalhos, sendo certo que nos havia dado a liberdade de escolher a que mais nos tentasse. Mau grado nosso talvez, não conseguimos nunca afeioar-nos àquelle intento, muito embora reconhecendo quanto nos seria proveitoso na vida prática.

Mas... podia mais a força do destino (se assim pode dizer-se), desviando-nos ainda rapaz para novos caminhos, ao menos aqueles por onde inquietamente e sempre hesitante, começamos cedo a trilhar!

Já sofrendo da grave doença que após cruciantes martírios o prostrou relativamente novo, principiou a escrever umas *Memórias* dedicadas a seus filhos, a breve trecho as interrompendo na incompatibilidade dos padecimentos físicos com o labor mental. Isso bastaria para aquilatar os fulgores do seu belo espírito, com a cultura adquirida por ele próprio, como autodidacta que foi. A Sociedade Martins Sarmiento lhe deve fervorosa dedicação, como quase todas as Instituições Vimaranenses, pois pertenceu ao número entusiasta de seus primeiros sócios, naquele tempo em que Guimarães possuía uma élite que deixou justificado renome.

Da última viagem que fez ao Estrangeiro, como um dos Delegados de Portugal ao Congresso Internacional Algodoeiro, efectuada em Maio de 1911, ainda não há muito nos falava com enternecedoras palavras da velha estima um distinto industrial portucense, António Joaquim Correia, que nosso Pai acompanhou e da sua personalidade guarda uma respeitosa memória. E não podemos olvidar neste momento outra figura de portuense ilustre que nosso próprio Pai nos apresentara ao entrar no *St. George's College*, próximo de Londres, e cuja voz tivemos o prazer de escutar há poucos dias na recepção à Rainha Isabel II da Gran-Bretanha, no Palácio da Bolsa — António Calém. São passos que não esqueçemo...

Temos para nós como certo que nele tivemos o maior amigo e sirvamos estas ligeiras palavras de saudoso preito à sua memória, convencidos também de que ninguém nelas verá mesquinha sombra de vaidade, mas unicamente aquele sentimento de gratidão a mais alta e profunda, pois só isso as inspirou.

JERÓNIMO DE ALMEIDA,

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

O PETRÓLEO NA FILATELIA

Desde 1859, data em que Drake abriu em Titusville, na Pensilvânia, o primeiro poço, o petróleo e a sua extraordinária indústria têm fornecido os mais variados temas à Arte. A Pintura, a Escultura, o Cinema descobriram na indústria petrolífera temas sugestivos. E também a Filatelia.

O «Bureau» de Informações sobre o Petróleo organizou e catalogou uma curiosa colecção de selos de

feitos com folhas de palmeira e cuja construção se assemelha à dos batéis dos antigos bretões. São os «gufas» que figuram num selo do Iraque.

Nos primeiros tempos da indústria petrolífera, uma perfuração coroada de êxito era um verdadeiro acontecimento. Exércitos de exploração acorriam ao local, ansiosos por aproveitarem os recursos petrolíferos cuja existência tinha sido comprovada.

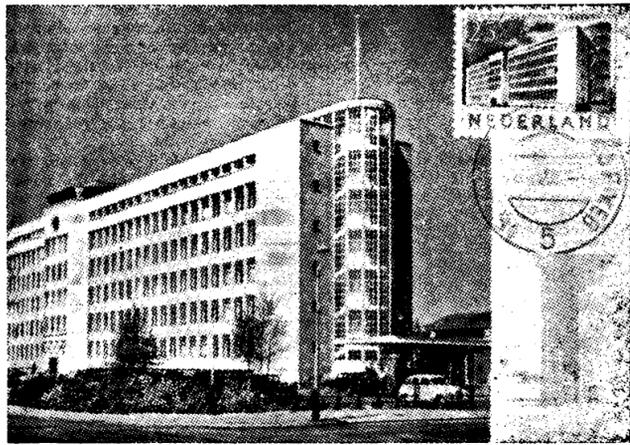
landa emitiram uma série dedicada à arquitectura holandesa moderna, cujo exemplar de 25 centavos apresenta a Sede da Shell Nederland, em Haia.

Os tanques de armazenagem de petróleo figuram em muitos desenhos de selos. O tipo de tanques mais conhecido para produtos líquidos é bem ilustrado numa série de selos colombianos.

Uma grande parte dos recursos alemães de petróleo, durante a guerra, era obtida por produção sintética, a partir do carvão. Alguns catálogos revelam que dois selos emitidos na Checo-Eslóvaquia (Boémia e Morávia), em 1941, mostram uma instalação para a extração de petróleo do carvão.

Muitos selos, ao mesmo tempo que comemoram oficialmente os grandes progressos postais, prestam homenagem — embora discreta — à indústria petrolífera. Um deles, emitido no centenario do primeiro selo postal americano, mostra um correio, a cavalo, correndo ao lado duma das primeiras locomotivas, vendo-se ainda uma moderna máquina diesel-eléctrica, um grande paquete queimando óleo e um avião.

O IV Congresso Mundial do Petróleo, foi comemorado com a emissão duma série de selos, emitidos pelos Correios de Itália.



O edifício da SHELL NEDERLAND, em Haia, constitui um dos temas da emissão de selos que o Governo holandês dedicou à Arquitectura moderna da Holanda

todo o Mundo (desde o Azerbaijão à Austrália e ao Canadá) que atesta bem e acima de tudo a excepcional importância da indústria petrolífera.

E bastante conhecido o lago de Asfalto, descoberto há séculos, na ilha da Trindade.

O grande navegador inglês, Sir Walter Raleigh, que visitou a Trindade em 1595, utilizou asfalto da ilha para calafetar os seus barcos, facto que foi comemorado num selo de correio.

Para além da veneração que dedicavam aos poderes «mágicos» do petróleo, os assírios e outros povos da antiguidade aplicavam o betume na construção dos edifícios. E, ainda hoje, nas margens do rio Tigre, o betume é utilizado no revestimento dos «gufas» — botes redondos

Foi esse um dos motivos por que, nos primeiros campos petrolíferos, as torres de perfuração se aglomeravam como as árvores de uma floresta, conforme se pode ver numa série de selos brasileiros.

Um exemplar típico dos muitos selos italianos, com motivos petrolíferos, emitidos por ocasião do 16.º Congresso de Engenharia, mostra uma torre de perfuração moderna, em aço, contra um fundo composto duma série de antiquadas torres de madeira.

A mais espectacular manifestação da existência de petróleo, frequente nos primeiros tempos da indústria, era, sem dúvida, o «repuxo» de petróleo que às vezes subia no ar até algumas dezenas de metros. O resultado, segundo a interpretação dum artista, está retratado de modo impressionante num selo peruano.

Um selo recente de especial interesse, assinala o desenvolvimento da indústria petrolífera do Canadá no após guerra, como consequência da descoberta dos importantes campos petrolíferos em Leduc, Redwater e outras localidades da província de Alberta. Além de torres de petróleo e tanques de armazenagem, o desenho mostra uma massa de fumo e chama representando a «queima» dum poço novo.

Uma das séries de selos mais pitorescas é a que representa operações de perfuração submarina no lago Maracaibo, na Venezuela, local outrora frequentado pelo célebre pirata Capitão Morgan. As torres de petróleo, que no selo parecem sair das águas, estão assentes sobre plataformas, verdadeiras ilhas artificiais, montadas em estacas cravadas no leito do lago.

As Índias Ocidentais Holandesas, além de produzirem petróleo, possuem grandes refinarias que processam também as ramas importadas da Venezuela. Dois selos (Países Baixos — Curaçao), mostram os centros de refinação de Aruba e Curaçao, tendo ao fundo uma simbólica torre de petróleo.

Um outro selo emitido pelo Governo Holandês em 1934, é comemorativo do tri-centenario da ilha de Curaçao, e nele se vê o porto de Willenstad com tanques de armazenagem de petróleo e a proa dum navio tanque.

Finalmente, os Correios da Ho-

A Petroquímica na Grã-Bretanha

A ampliação da sua instalação de Partington, perto de Manchester, agora empreendida pela Petrochemicals Limited, do Grupo de Companhias Royal Dutch/Shell, constitui um primeiro passo na satisfação da procura crescente de derivados de etileno e propileno. Estas instalações, que se espera possam estar em laboração por meados de 1958, incluirão uma unidade para a produção de cerca de 25.000 toneladas anuais de óxido de etileno. Este aumento de capacidade produtora obriga também à ampliação de outras unidades da instalação, tais como as geradoras de força motriz e de vapor, água para arrefecimento, oficinas e materiais.

Os óxidos de etileno e de propileno e os seus derivados têm larga aplicação na indústria britânica e de outros Países como dissolventes, plastificantes, detergentes, emulsificantes, molhantes, lubrificantes e produtos químicos intermédios. Entre as suas outras aplicações temos a preparação de misturas anti-congelantes e agentes anti-estáticos, estes últimos destinados a evitar a acumulação de electricidade estática nas fibras sintéticas. As ampliações agora em curso remediarão de momento as faltas desses materiais no mercado inglês, ficando ainda um saldo apreciável para exportação durante alguns anos. Trata-se de mais uma fase do plano da Shell em ordem a ampliar a sua participação na indústria química.

A parte mais importante do projecto de ampliação é a nova unidade para a produção de óxido de etileno, que utilizará o processo criado pela Shell Development Company, nos E. U. A., para a oxidação catalítica directa do etileno. Uma nova instalação para a conversão de óxido de etileno em etanolaminas começou a funcionar em Janeiro deste ano e estão em construção instalações adicionais para éteres glicólicos, poliglicóis e agentes tensão-activos não iónicos. Quando a instalação para oxidação directa estiver pronta, a de óxido de etileno existente passará a ser utilizada para desenvolver a produção actual de óxido de propileno.



DOUGLAS BADER

Herói da Batalha de Inglaterra é o chefe de Operações Aéreas do Grupo Royal Dutch/Shell

É uma honra para o Grupo Royal Dutch/Shell contar nos seus quadros de pessoal uma figura tão lendária como a do comandante Douglas Bader. De facto, o herói iniciou uma página gloriosa na História da Aviação, ao tornar-se piloto da RAF, depois de ter perdido ambas as pernas num acidente em 1931. Antes desse desastre, Bader era considerado um dos melhores pilotos de acrobacia da Grã-Bretanha, tendo sido escolhido por duas vezes para executar números dessa especialidade no festival aéreo de Hendon.

Exactamente porque ficara inválido, passou à Reserva e ingressou no Departamento de Aviação da Shell Petroleum Company. Continuou então a voar sempre que lhe

era possível e, quando a guerra rebentou em 1939, ofereceu-se como voluntário para o serviço activo.

Recusado primeiramente, conseguiu, graças a uma excepcional persistência, ser finalmente aceite. E a sua carreira aérea subsequentemente foi das mais distintas, especialmente durante a Batalha de Inglaterra.

Em Agosto de 1941, quando dirigia uma esquadilha de «Spitfires», voando sobre a França, atacou dois «Messerschmitts», derrubando um, mas chocando com o outro. A cauda do seu avião foi destruída e Bader atirou-se em paraquedas, perdendo a perna artificial direita. Feito prisioneiro, tentou fugir por quatro vezes. Entretanto, recebeu uma nova perna artificial, mandada fazer em Londres e lançada em paraquedas sobre território inimigo.

Terminada a guerra, regressou ao Departamento de Aviação da Shell Petroleum e, em 1955, quando a expansão das operações aéreas do Grupo Royal Dutch/Shell suscitaram a necessidade de se criar um Departamento de Operações, Bader foi nomeado para o dirigir. Esse Departamento comanda as operações da frota aérea do Grupo (cerca de 50 aparelhos de diversos tipos), empenhada não só em serviços de transporte como também de levantamentos aéreos de prospecção, etc.

Antes, em 1947, visitara os Estados Unidos, onde, além de trabalhar em assuntos aeronáuticos prestou a sua colaboração à elaboração de planos de assistência a inválidos de guerra. Em reconhecimento do seu trabalho neste campo, foi agraciado com a Comenda da Ordem do Império Britânico, condecoração que veio a juntar-se a muitas outras que possui pelos seus feitos de combate.

aproveitamento dos períodos, mesmo curtos, em que a praga em questão é susceptível, e ainda porque se caminha para o uso de produtos com acção específica para determinadas ordens de insectos. Não se perca de vista, no entanto, que foram os produtos químicos de acção insecticida total que deram maior acuidade ao problema duma eventual desorganização do equilíbrio biológico.

O lavrador deve acostumar-se a exigir dos fabricantes de produtos anti-parasitários esclarecimentos muito completos sobre as condições de emprego dos seus produtos, de modo a reduzir ao mínimo a possibilidade de destruição de insectos úteis. A complexidade do problema, por seu turno, obriga os fabricantes que pretendam informar honestamente o público a disporem duma equipa de técnicos especializados.

O lavrador, que pode encontrar nos Serviços Oficiais auxiliares preciosos na resolução dos seus problemas pode dar também a sua colaboração aos Serviços de inúmeras maneiras. Auxiliar a delimitação de zonas epidémicas, denunciar focos de infestação, etc., etc., tudo são formas muito positivas de colaborar na melhoria do estado fito-sanitário do País.

O Pequeno Almoço das Crianças

Embora a partir dos três anos, o regime alimentar da criança seja, de uma maneira geral, idêntico ao do adulto, as suas necessidades são proporcionalmente maiores. Uma criança de 12 anos deve comer tanto como o seu pai, e um adolescente de 15 anos mais que o seu progenitor. Assim, é conveniente, reforçar o pequeno almoço da criança, dando-lhe as calorias necessárias.

O leite é normalmente a base do pequeno almoço. Os médicos estão de acordo em reconhecer que a criança deve tomar no mínimo meio litro de leite diariamente. E aparte o tradicional café com leite, há muita maneira de fazer a criança tomar o leite disfarçadamente, se não suportar o gosto deste. Não vamos ensinar as mães que para os mais pequenos, as papas de milho, semola, flocos de aveia, leite-creme, etc., são o ideal. Tão pouco insistiremos, mas sublinhamos o seguinte: muitas crianças apreciam sumo de frutos ao pequeno almoço e, muitas vezes, o apetite despertará, após ter tomado um copo de sumo de frutos ou legumes logo que acorda (laranja, limão, uva, tomate, cenoura...).

Aqueles a quem o leite repugna ou que o não possam tomar, devem dar um pequeno almoço tipo inglês (chá, sumo de frutos, ovos, presunto, carnes frias, yogurt...).

Para as crianças débeis ou convalescentes e que têm necessidade de aumentar de peso, a fórmula é a do «pequeno almoço norueguês» pois é maravilhoso para engordar. Aqui estão duas variantes:

— 210 a 225 gramas de leite quente, com açúcar ao paladar, duas a três sanduiches barradas com bastante manteiga, queijo e fiambre; uma laranja, uma banana ou uma maçã.

— 200 a 250 gramas de leite, uma sanduiche feita com o seguinte: 15 gramas de manteiga, 10 gramas de levedura, uma sanduiche de fiambre ou de queijo gruyère e uma peça de fruta.

Miscelânea

Passelos aquecidos

Vão acabar em Nova Iorque os passeios molhados ou repletos de neve. Os passeios, claro, que se estendem ao longo de edifícios onde há lojas ou hotéis de categoria, pois que os outros permanecerão escorregadios e perigosos.

E isto porque o arquitecto de um arranha-céus, recém-construído na Park Avenue, previu o passeio aquecido, graças ao qual a chuva se evapora em alguns minutos e a neve fundirá à velocidade de cinco centímetros à hora. Um termostato manterá, automaticamente, a temperatura ao nível exigido pelas intempéries.

Reapareceram 300 milhões de anos depois

Moluscos que se julgavam desaparecidos há trezentos milhões de anos e que só se conheciam em estado de fósseis, foram pescados recentemente por uma expedição científica dinamarquesa.

Trata-se de cinco moluscos de apenas três centímetros de tamanho, e a rede trouxe-os de 3.500 metros de profundidade, ao largo da costa do México.

Do ponto de vista biológico, esta descoberta é tão sensacional como foi a do «coselacanto», o peixe pré-histórico. Até aqui os moluscos em causa estavam classificados como pertencendo ao grupo fóssil dos «tryblidiacea».

Hotel para passarinhos (com 200 poleiros)

Foi recentemente inaugurado, em Londres, um «Hotel para Passarinhos», primeiro estabelecimento do género, na Grã-Bretanha e, provavelmente, no Mundo. Consiste numa grande gaiola exposta ao sul e compreendendo 200 poleiros.

Assim, os canários de estimação, cujos proprietários residindo noutros estados não se separam deles nem por um decreto, podem vir, com os seus respectivos donos, passar o fim de semana a Londres.

O «Hotel» também recebe «hóspedes» à semana e ao mês, com direito, além do poleiro, a duas refeições por dia, as quais incluem pílulas de vitaminas, biscoitos, gomos de laranja e folhas de couve à discrição.



IDEIAS OCASIONAIS

A Ameaça Afro-Asiática

I — O Mundo Árabe

O mundo árabe não é totalmente conhecido do grande público. Ainda se ignora tudo o que a civilização islâmica deu e dá ao contributo da civilização e nos deixou a nós mesmos, portugueses, na maior parte seus descendentes, a força dominadora que os seus 400 milhões projectam no Mundo actual, importância realçada há poucos dias ainda pela figura proeminente de Nasser ao afirmar que «o arabismo vem desde o Golfo Pérsico até ao Atlântico».

Dois volumes de síntese mais exigentes e esgotantes, actualizam o problema árabe:

L'Islam, de Dominique Sourdel, e *La question arabe*, de Pierre Keller, não contando com a brochura de Nasser, *Philosophie de la révolution*.

O número de nações repartidas pela Europa, Ásia e África que pertencem ao mundo muçulmano, totalizam perto de duas dezenas, o que firma o termo afro-asiático, cuja morfologia se aplica recentemente com cujas raízes vêm de muito longe, talvez mesmo da Idade Média, quando os acontecimentos se mantinham nos limites duma luta mais religiosa e intolerante do que política. Vejamos rapidamente e para elucidação, o que é o mundo árabe presentemente e qual a sua repartição por continentes, com o xadrez de uma população disseminada e por vezes mal armada e acomodada territorialmente. Eis o estado actual do mundo muçulmano: «O mundo muçulmano actual representa cerca de 350 a 400 milhões de homens (mais do que o quinto da população do Globo e está repartido por diferentes grupos: árabes e arabizados (Próximo Oriente e Maghreb), cinquenta milhões; Iranianos (Pérsia, Afeganistão), trinta milhões; Turcos (Turkestan, Anatólia), cinquenta e dois milhões; Indianos, noventa e quatro milhões; Malaio e Indochineses, sessenta e cinco milhões; Chineses, vinte milhões; Negros (África Ocidental Equatorial e Oriental), trinta e cinco milhões, grupo balcânico, três milhões e diáspora (Europa e América), meio milhão».

Desta massa os arabizados não são mais do que um sexto e os puros árabes a décima quinta parte (isto explicando as recentes traduções do Corão em diversas línguas). (*L'Islam*, D. Sourdel). Repartido o mundo muçulmano compreende: Estados independentes: Marrocos e Tunísia, Arábia Saudita, Yémen, Egipto, Líbia, Sudão, Albânia, Transjordânia, Iraque, Síria, Turquia, Irão, Afeganistão, Paquistão, sem contar a Cachemira indú, Líbano, Indonésia, e estados em via de emancipação, Estado árabe da Palestina e Argélia com oito a nove milhões de muçulmanos e um milhão e meio de franceses ou argelinos, — franceses, África Ocidental Francesa muçulmana, vinte e cinco milhões de habitantes na maior parte arabizados; 75 %, e imensas comunidades integradas em países não muçulmanos e que seria fastidioso e minucioso citar num artigo de jornal e ainda contingentes muçulmanos em colónias de maioria ou minoria muçulmana e ainda uma vez a diáspora na Europa (França e Bélgica), e América (Estados Unidos e Brasil). Toda esta população totaliza cerca de 400 milhões, segundo as estatísticas recentes do esplêndido trabalho de Dominique Sourdel, *L'Islam*, editado em 1949, nos «Presses Universitaires de France, livro para nós de constante leitura e meditação, atendendo a que o autor viveu mais de um ano num ambiente muçulmano e possui uma vasta bibliografia sobre os assuntos afro-asiáticos e do Próximo e Médio Oriente. De todos os países árabes o que presentemente sofre o peso duma luta total pela independência é a Argélia cuja história depois da ocupação pela França em 1830, é por vezes insuficientemente conhecida. Num livro muito oportuno do general Azan sobre a ocupação argelina, vêm resumidos os dados principais do problema, a sua equação e os factores que determinaram a evolução do mesmo caso internacional, duma acuidade impressionante e que tanto apaixonou a opinião pública. No século XX, segunda metade, uma nação árabe, a Argélia, possuindo uma cultura romano-árabe, tendo por capital uma das mais belas e civilizadas cidades do Mundo mediterrâneo e possuindo uma elite intelectual e universitária de primeira plana, dá ao Mundo uma grande lição, lutando por ela própria e pela auto-determinação de querer dispor da sua própria soberania e liberdade nacional. Marrocos e a Tunísia, em breve na O. N. U. de que são candidatos, são os países limítrofes da Argélia que

assim se vê dia a dia mais acicatada, mais forçada a uma luta à outrance, hoje observada em todo o Mundo e que é o leit-motiv das chancelarias em todo o vasto e complexo árabe.

Quando há poucos anos se assinou em Alexandria o Pacto de Segurança colectivo que englobava o Egipto, Síria, Líbano, Arábia Saudita e Yémen, a Liga Árabe lançava os tentáculos sobre todo o vasto território muçulmano e muçulmanizado, dando-se a partir desse momento a remuçulmanização de todos os problemas em suspenso desde longa e letárgica data.

Só o Iraque e a Jordânia ou Transjordânia, não assinaram esse tratado que é moldado no Pacto do Atlântico e tem como finalidade mediata e imediata ligar as nações signatárias numa aliança militar, política e económica, tudo isto de acordo internacional com as Cartas da Liga Árabe e das Nações Unidas, para resolverem os seus litígios e dissídios por meios pacíficos como é de uso em pactos semelhantes expressar-se a linguagem clássica dos tratados.

O conglómero desses países iniciais e a criação da Liga Árabe levantaram a grande Arábia, o grande mundo muçulmano, que com o mundo mongol, o mundo moscovita e eslavo, o mundo indonésio e o mundo indonésio esperavam e esperam, fatalisticamente, segundo a ética de resistência passiva corânica ou do próprio Alcorão, a libertação total, como o dissemos acima, a remuçulmanização do mundo árabe no tempo e no espaço, tudo isto equacionado nos problemas que são consequentes e hão-de derimar-se pró ou contra a vontade do Ocidente e dos seus homens públicos que na maior parte dos países ocidentais não passaram de uma subgente tumultuosa e exibicionista.

II — Epílogo

Toda a evolução do problema árabe e da sua universalização foram pressentidos por preclaros espíritos franceses e não há muito ainda no diário parisiense *L'Aurore* se previam com notável acuidade e argúcia, que os eventos presentes justificam os trágicos acontecimentos que englobam e agravam o caso argelino.

A previsão que tem dois anos não é muito recente, mas é flagrantemente actual: «... Porque o momento das reivindicações árabes, como é evidente, soou, antes de se apresentar perante a organização das Nações Unidas para pedir a independência marroquina, o Egipto julgou necessário *faire un coup d'éclat* capaz de levantar no mundo muçulmano um eco profundo».

No capítulo de previsões queremos também acentuar que já em 1912, numa carta do célebre padre Foucauld reproduzida no *Monde*, de Paris, sacrificado num martírio que tanto embeleza a sua alma de missionário africano, se afirmavam estas observações:

«Formar-se-á nas grandes cidades, instruída à francesa, uma elite intelectual que terá perdido toda a fé islâmica, mas que lhe conservará a etiqueta para poder, por ela, influenciar as massas. Por outro lado, a massa dos nómadas e dos camponês continuará ignorante, afastada de nós, firmemente maometana, levada ao ódio e ao desprezo dos Franceses pela sua religião, os seus marabutos, pelos contactos que tem com os Franceses (representantes da autoridade, colonos, comerciantes), contactos que demasiadas vezes não são próprios para nos fazerem amar por ela. O sentimento nacional ou barbaresco exaltar-se-á, pois, na elite instruída quando a ocasião se lhe oferecer. Por exemplo, quando a França se vir a braços com dificuldades interiores ou exteriores, essa elite servir-se-á do Islão como de uma alavanca para sublevar a massa ignorante e procurará criar um império africano muçulmano independente. O império norte-africano da França — Argélia, Marrocos, Tunísia, África Ocidental Francesa — tem trinta milhões de habitantes; terá, graças à paz, o dobro, daqui a cinquenta anos. Estará então em pleno progresso material, rico, sulcado de caminhos de ferro e povoado por habitantes afeitos ao manejo das nossas armas, cuja elite terá recebido a instrução nas nossas escolas. Se não tivermos sabido fazer franceses desses povos, escorregar-nos-ão. O único meio de virem a ser franceses é o de virem a ser cristãos».

Quando na Assembleia Geral da O. N. U. em 1951 a que assistimos, no Palácio Chaillot e na companhia frequente de Madame Tabouis, cronista mundialmente conhecida, o

DE COVAS

Expediente

Manuel Ribeiro, Correspondente em Guardizela — Até que enfim que chegou a vez de lhe respondermos e deve haver engano na vossa freguesia, pois na última carta saiu Gandarela. Agradecemos e retribuimos os amáveis cumprimentos. Na recepção aos Colaboradores do *nosso* jornal indagámos o motivo da ausência do colega que, felizmente, já está restabelecido. Quanto ao assunto do postal vamos, gostosamente, satisfazer-lhe a curiosidade: — Covas é uma localidade muito populosa e industrial situada a 2,5 km de Guimarães, a 5 de Vizela e tendo como cenário a Penha. Naturalmente ouviu falar, em tempo, no Sr. João em Covas que aqui se festejou condignamente por iniciativa do Sr. Domingos da Cunha, mais conhecido por «O Vinagre». Infelizmente, morreu ao nascer... Não sabemos se foi por haver algumas pessoas que não gostam de *vinagre* misturado com o azeite, como outros não gostam de azeite misturado com óleo... ou se foi por qualquer outro motivo. O que é certo é que a perseguição deu o efeito «desejado». Acabaram com os festejos do Sr. João em Covas. Todos devem estar de acordo ao dizermos que as festas são precisas para distração do povo, fazendo-o esquecer as tristezas e as contrariedades da vida...

Sendo assim, porque não se há-de ventilar de novo o assunto ou seja, para se festejar (quando a vida estiver melhor), novamente o Sr. João em Covas? (Com a nossa fraca ajuda podem contar). A propósito, diz-nos Trancoso Viana: «A Igreja não condenou nunca a alegria, pois sempre contemporizou com as festas de folgança, que pelo Mundo fora se instituíram com o maior agrado dos diversos povos».

Mas voltando ao assunto, íamos nós a dizer que as festas são precisas para distração do povo. Na verdade, tudo aqui é monótono, apesar da freguesia de Urgezes possuir alfalantes que podiam transmitir música durante algumas horas, como em Vizela. Mesmo assim, os nossos conterrâneos — laboriosos e hospitaleiros — merecem aqui uma referência especial.

É que raras vezes nos obrigaram a ocupar-nos de ocorrências e, parecendo-nos, que as poucas vezes que o fizemos nunca os contendedores são todos filhos desta terra. Que continuem a dar o exemplo, são os nossos votos.

Hoje esta localidade obrange as freguesias de Polvoreira e Urgezes. A placa indicativa desta terra da J. A. E. está colocada na freguesia de Polvoreira. Como vê, caro colega, Covas não é freguesia. É servida por Caminho de Ferro e camionagem — sendo as tarifas para passageiros muito elevadas. A estação dos C. F. (que ainda figura nos cartazes da C. P. como apeadeiro, com o que não concordamos), pertence à freguesia de Urgezes. Agora no inverno, os caminhos e estradas (excepto a E. N.) estão na maior parte quase intransitáveis, apesar de estarmos a dois passos da sede do concelho. Como vê, repetimos, também temos pregado no deserto... Estas duas freguesias, das mais populosas, aguardam os Edifícios Escolares do Plano dos Centenários.

Os de Polvoreira, parte baixa, já começaram há semanas. O pro-

Egipto propunha insistentemente a inscrição da questão árabe. Começava, de facto, a ofensiva árabe-asiática condicionando a questão marroquina, que este ano corrente foi ganha com a independência de Marrocos e da Tunísia, estando em luta a questão que o mundo árabe apoia totalmente da questão da Argélia, como o mundo árabe e a Liga Árabe apoiam em uníssono a questão do Canal de Suez e a sua nacionalização por Nasser, provocando as duas conferências de Londres de 16 de Agosto e a recente no corrente mês e em que o país mais interessado não compareceu no conclave.

Essa frente comum na sessão da Assembleia Geral da O. N. U. em 1951-52, compreendia já 14 países, seis árabes, Egipto, Líbano, Líbia, Iraque, Arábia Saudita e Yémen, e oito países asiáticos, Iran, Birmânia, Índia, Paquistão, Tailândia, Filipinas, Indonésia e Afeganistão. Posteriormente ficaram independentes e são estados soberanos, Marrocos, Tunísia, Líbia, Sudão e não incluindo a Etiópia, copta de religião, e outros países asiáticos ainda em luta pela independência. Esta frente comum equacionada com todos os problemas correntes e decorrentes criou o clima árabe actual onde a totalidade dos países é livre, excepto a Argélia que já o era em 1830, portanto muito antes dos países que a apoiam nesta emergência, dando-se o paradoxo de países recentemente tornados independentes, ajudarem um país que era independente em 1830 a recriar a sua própria independência e a sua remuçulmanização dentro da frente comum afro-asiática.

A ofensiva árabe dará o golpe de morte, o empurrão fatal na paz do Mundo? Ou mais longe ainda no

UMA BELA INICIATIVA Guardizela

DO PESSOAL SUBALTERNO DOS CTT

Solucionar o problema da habitação com aquele sentido humano e social próprio de um Estado que baseia os seus princípios na moral cristã — tem sido e continua a ser uma das preocupações dominantes dos homens bons que nos governam. Outro fim não teve a Lei n.º 2007, de 7 de Maio de 1945, sobre a construção de bairros de casas económicas, regulando simultaneamente a formação e respectivo funcionamento de Sociedades Cooperativas de Casas Económicas, com facilidades e garantias segundo as quais até os modestos trabalhadores podem vir a habitar uma casa sua, cujo custo é amortizado com a própria renda mensal.

Os resultados positivos dessa Lei são já consideráveis, e se não foram ainda mais além, conforme os desejos de quem concebeu e pôs em prática uma tão genial ideia — isso se deve à falta de conhecimentos de muita gente no sentido de se organizarem, procurando habilitar-se para um tão alto benefício de proveniência oficial, e até, em certos casos, à má vontade de certas entidades que tinham por dever de colaborar com o Governo numa obra de tão largo alcance social.

Todos temos o indeclinável dever de cooperarmos com o Governo nas obras de interesse comum, jamais tratando-se da solução de problemas de carácter social que tanto podem influir na prosperidade e bem estar da Sociedade portuguesa. Assim o compreenderam alguns elementos do pessoal subalterno dos CTT — funcionários modestos, mas dignos e que têm o sentido das realidades práticas, quando se tratou de pôr em acção o seu espírito colaboracionista para se levar a efeito uma obra de engrandecimento nacional que muito enobrece governantes e governados.

Com efeito aquele grupo de associados da Associação Mutualista do Pessoal dos CTT que há cerca de 3 anos se lançaram na tarefa de organizar a Cooperativa de Casas Económicas do Pessoal Subalterno dos CTT, absolutamente identificadas com o espírito da Lei, e no

desejo bem sincero de levarem a efeito uma obra nobilitante que dignificasse a sua condição de funcionários e a própria corporação a que pertencem — tiveram uma feliz inspiração.

Dotados de extraordinário espírito de iniciativa e norteados pelos princípios da mais inconscusa honestidade, facilmente se impuseram à confiança da sua classe e à simpatia das entidades oficiais.

Cingindo-se sempre à mais estrita economia, conseguiram reunir fundos com os quais adquiriram óptimos terrenos em Carcavelos, onde em breve vão iniciar-se as primeiras construções.

A Direcção da Cooperativa, tendo previsto antecipadamente que nem todos os seus associados de Lisboa desejariam a sua habitação construída em Carcavelos, requereu já há tempos a sua inscrição na Câmara Municipal para efeito de aquisição de alguns lotes nos terrenos de aquela entidade vai destinar, em condições especiais, em locais citadinos, à construção de bairros ou blocos de casas económicas.

E para os associados da província também já estão devidamente estudados os planos no sentido de se dar cabal satisfação aos seus desejos, como acaba de suceder com uma Senhora do Porto contemplada no sorteio realizado no dia 15 de Abril do ano findo. Essa Senhora, não lhe convindo por enquanto a construção, cedeu-a a uma outra associada da Póvoa de Varzim. Esta, por sua vez, propôs à Direcção da Cooperativa para lhe comprar uma casa já construída que estava à venda naquela vila.

A Direcção, depois de averiguar que a respectiva aquisição oferecia as melhores condições possíveis e com grande vantagem para a associada, deliberou proceder à compra do edifício, cuja escritura já foi lavrada no notário da Póvoa de Varzim, no dia 25 de Fevereiro, deslocando-se para tal fim aquela vila o 1.º Secretário da Direcção Sr. Américo Leandro Martins, que nessa data fez a entrega à respectiva associada.

grosso desta terra devemo-lo à iniciativa particular e à nossa indústria. Ultimamente, o Sr. Dr. José Maria P. de Castro Ferreira, ilustre presidente da Câmara Municipal, tem atendido muitos nossos reparos, o que nos cumpre registar e agradecer, em nome desta terra. Vemos já alguns caminhos em reparação e outras promessas e vão iniciar-se os trabalhos de canalização da água para abastecer esta localidade. São assim atendidas algumas sugestões que por várias vezes fizemos nas colunas do *Notícias de Guimarães*. O problema número um — o da habitação — deve-se, principalmente, à iniciativa particular. Apesar disso, as rendas aqui são elevadíssimas e não se gasta papel para colocar os «escritos» nas janelas das casas para alugar. Aqui não as há, infelizmente. Quando se começam os alcerces aparecem mais pretendentes do que quantas dependências a mesma há-de vir a ter. Mas o que se vê aqui vê-se também noutras terras do País. E já agora vamos abordar este assunto. Feliz-

« Bem Fazer »

O *Notícias de Guimarães* tem sempre um cantinho especial para as boas obras.

Ultimamente, tem-se ocupado e colaborado intimamente com o Grupo local « Bem Fazer », tornando-o conhecido do público. Desta maneira, os corações bondosos começam a ajudá-lo. Hoje registamos a oferta do Sr. António da Silva Júnior, industrial e presidente da Junta de Freguesia de Polvoreira, o qual nos entregou pessoalmente um embrulho com tecidos. (Também na sede deste Grupo foi recebida uma amável carta de Lisboa dos Maiores Armazéns do País — Grandela). E com estas e outras ajudas que o « Bem Fazer » verá as primeiras pobres crianças antes da Páscoa. — C.

« O DIA DO PAI »

O Grupo Onomástico « Os Josés de Portugal » está procedendo à recolha das listas de assinaturas, que foram largamente distribuídas por todo o País, Ilhas e Províncias Ultramarinas a fim de serem apenas à representação que será entregue, em 19 de Março, na Assembleia Nacional, solicitando que aquele dia seja feriado oficial e considerado como o «Dia do Pai».

As comissões constituídas em todo o País estão ultimando os preparativos para a celebração condigna do Dia de S. José, de harmonia com o programa já estabelecido.

Este Grupo oferecerá um enxoval completo em cada concelho do País e Ilhas a crianças nascidas em 19 de Março e às quais seja dado nome de « José ».

Interesses de Guardizela

Residência paroquial

A edificação duma nova residência paroquial nesta freguesia é outra necessidade que figura entre as primeiras.

Tremos o calor do nosso povo — o qual, através dessa obra em projecto, irá dizer quem é e do que é capaz, — que gravita em redor do grande melhoramento, para os *Interesses de Guardizela*, porque entendemos, sem erro, que tão louvável empreendimento é, incontestavelmente, de um grande interesse para a freguesia.

Ninguém duvida, e o povo assim o compreendeu já também, quando dos cortejos de oferendas que em favor dessa projectada realização aqui foram levados a efeito, que a actual residência está muito arruinada pela velhice e — para escrevermos sem rodeios — inabitável.

Parece que é já este mês que se vai proceder à angariação de receita por quotas.

Essa ideia é inteiramente admissível, visto que assim o povo poderá contribuir em maior escala e com mais suavidade para a tão necessária realização — dando deste modo satisfação mais vantajosa aos seus próprios anseios.

Esperamos, pois, — e nem isto era preciso, porque a gente do nosso povo sabe perfeitamente dizer *presente* nos momentos oportunos — que todos os guardizelenses contribuam, na medida do possível, para tão vantajoso melhoramento, que, ao fim e ao cabo, nada mais será fazer do que ajudar a construir um edifício que ficará, afinal, a pertencer a todos nós.

Povo de Guardizela: confiamos em vós e temos a certeza que mais uma vez ides caprichar em dizerdes ao mundo onde estais e o quanto valeis.

Na devida oportunidade daremos, se possível, mais informes a respeito da residência paroquial.

Correio de graça

António Pereira de Almeida — Se gosta realmente, como diz, de ler as nossas cartas (aliás despedidas de qualquer coisa que se pareça com brilho — e por isso não se pode dizer que, a tal respeito, não tenha um gosto bastante estragado —), nada mais tem a fazer do que assinar o *Notícias de Guimarães*, isto — note bem — sem deixar de assinar, como até aqui, o semanário no qual principiámos a escrevihar para o público.

Necrologia

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja, faleceu, no passado dia 27, Maria Glória Correia, desta freguesia, que era filha de Alberto Correia e de Adélia Ferreira e neta do caro conterrâneo Sr. Albano Evangelista Pereira, pessoa que goza nesta localidade de simpatia absoluta.

A morte prematura da desventurada rapariga, que contava apenas 21 anos de idade, foi muito sentida nesta freguesia, principalmente pela juventude da sua idade.

Que Deus guarde em Seu seio a Maria da Glória.

A família enlutada, e muito especialmente a seu avô, apresenta *Notícias de Guimarães* profundas condolências.

Do pai da Maria Glória recebemos com pedido de publicação uma carta onde o mesmo agradece a todas as pessoas que se interessaram pela saúde da chorada filha — e muito especialmente ao Sr. Dr. Manuel Oliveira Gonçalves, de Riba d'Ave, médico assistente da falecida, e a Joaquim Gonçalves, enfermeiro. O agradecimento aqui fica.

Aniversário

Completo na quarta-feira, dia 6, 68 anos de idade a Sr.ª Florinda da Silva, desta freguesia.

A simpática e alegre aniversariante desejamos que esta data se repita por muitos anos, e que a *Seflorinda* nunca faltem as forças para continuar o seu trabalho na fábrica, do qual vive. Pois que apesar de ser leve — pela boa compreensão dos empregados e patrões — é sempre trabalhar.

Parabéns e muitas felicidades.

Cartaz

O Teatro Narciso Ferreira, de Riba d'Ave, apresenta hoje, às 15 e às 21,30 horas, uma história de amor que toca o coração de todos: *VERDI* (colorido).

Da vida do célebre compositor foi arrancado o mais belo e enternecedor filme romântico de todos os tempos.

Sonhos de amor desfeitos, fome, miséria... E, finalmente, a glória! Sábado e domingo — REBECCA.

A verdadeira lei do progresso moral é a caridade. — Camilo C. Branco.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Padre José Carlos Alves Vieira — No dia 12, passa o aniversário natalício deste ilustrado sacerdote e nosso querido amigo e ilustre colaborador, a quem por tal motivo cumprimentamos, desejando a continuação de sua preciosa saúde.

Fizeram e fazem anos:

No dia 5, o nosso prezado amigo sr. José Abílio Gouveia; no dia 9, a sr.ª D. Inês da Silva Gonçalves, esposa do nosso prezado amigo sr. dr. José da Conceição Gonçalves; no dia 11, os nossos prezados amigos srs. Antão de Lancastre e José Garcia e a sr.ª dr.ª D. Virgínia do Carmo Almeida Ferrão, professora da Escola Comercial e Industrial, esposa do nosso amigo sr. Renato Ferrão; no dia 12, as sr.ªs D. Maria Antónia Mota Prego Cunha, esposa do nosso prezado amigo sr. Conselheiro Raúl Alves da Cunha, D. Isabel de Castro Martinho, esposa do nosso prezado amigo sr. Francisco da Silva Martinho, das Taipas, e D. Maria José de Queiroz Castro e os nossos prezados amigos srs. Armindo Avelino de Sousa Peixoto, residente no Porto, e Patrício de Castro Henriques; no dia 13, a menina Arminda Fernandes de Carvalho e os nossos bons amigos srs. P. Gaspar Nunes, José de Carvalho Melo e Eduardo da Silva Guimarães Júnior e a sr.ª D. Maria Amélia Teixeira de Abreu; no dia 14, os nossos prezados amigos srs. Terezino Augusto Fernandes de Abreu, António Ribeiro Ferreira Caldas, conceituado industrial em Sande, a menina Maria Adelaide, filha do nosso prezado amigo sr. dr. Júlio Carlos Gomes dos Santos, Juiz na Póvoa Lanhoso e as sr.ªs D. Maria Rodrigues Figueiredo, esposa do nosso prezado amigo e conceituado industrial em Pevidém sr. José Rodrigues Guimarães, D. Maria das Cruzes Rodrigues Figueiredo Costa, esposa do nosso prezado amigo sr. José Pinheiro da Costa e D. Aurora Lopes de Sousa Pires, esposa do nosso bom amigo sr. Henrique Pires; no dia 16, a menina Maria das Dores Mendes da Costa e as sr.ªs D. Beatriz Basto Lopes Paú, esposa do nosso querido amigo sr. dr. António Paú, do Porto; D. Ruth Gomes Fernandes Guimarães, esposa do nosso bom amigo sr. Joaquim Salgado Guimarães, D. Maria Amélia Martins de Macedo Meneses (Margaride), mademoiselle Maria Angelina de Faria, filha do nosso prezado amigo sr. M. Faria e os nossos prezados amigos srs. Avelino Teixeira e João Ribeiro de Freitas Guimarães; no dia 17, os nossos amigos srs. Adelino Gaspar da Silva e Alfredo Lopes Correia, conceituado industrial em Pevidém.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Completa no dia 14, quatro anos de existência, a menina Laurinda Maria, filha da sr.ª D. Ana Cândida da Cunha Machado e do sr. José Gomes da Costa.

Casamento

No penúltimo sábado, dia 2 e na Basílica de Nossa Senhora do Sameiro, consorciaram-se a sr.ª D. Maria Julieta da Palma Horta, gentil filha da sr.ª D. Luzia das Neves Palma Horta e do sr. José Martins Horta Júnior, proprietários, e o sr. eng.º Octávio Vieira Machado, filho da sr.ª D. Maria Angélica Machado e do sr. Alfredo Augusto Machado, comerciante.

Testemunharam o acto, por parte da noiva a sr.ª D. Maria Aliete Horta Serrano Pinelo e seu marido o sr. António Rodrigues Pinelo, Engenheiro-Chefe da Divisão de Estradas do Distrito da Horta, representados por seus pais e sogros o sr. António Mendes Serrano, digno Agente do Banco de Portugal nesta cidade e esposa a sr.ª D. Maria José Horta Serrano; e por parte do noivo seu irmão o sr. Fernando Moura Machado, funcionário superior dos C. T. T., e sua esposa a sr.ª D. Cecília Antunes Machado.

Na corbelhe da noiva viam-se muitas e valiosas prendas.

Após o acto religioso, que decorreu com muita solenidade e no Casino do Bom Jesus do Monte, foi servido a todos os convidados um primoroso Copo d'água, trocando-se no decorrer do mesmo afectuosos brindes.

Aos noivos, que seguiram para o sul do país em viagem de núpcias, desejamos as maiores venturas.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso bom

amigo sr. Jacinto José de Sousa Ribeiro. Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Partidas e chegadas

Com sua esposa e filhos esteve nesta cidade, na sua vivenda das Pedras Alveiras, o nosso querido amigo sr. Dr. António Paú, distinto cirurgião.

— Com sua esposa esteve nesta cidade, tendo já regressado a Vizeu, o nosso prezado amigo sr. Ezequiel de Sousa.

— Partiu para Luanda, tendo-nos vindo apresentar os seus cumprimentos de despedida, o nosso prezado amigo sr. Luís Vasco Ferreira Portocarrero, a quem desejamos feliz viagem e muitas prosperidades.

— O nosso prezado amigo e conterrâneo sr. António Fernandes, que há pouco regressou do Brasil, vindo tratar da sua abalada saúde, deu-nos há dias o prazer de sua visita, que nos penhorou.

— Esteve na 5.ª-feira nesta cidade, onde veio propositadamente para assistir à missa do 1.º aniversário do falecimento de sua estremeida mãe, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. eng.º Duarte do Amaral.

— Com sua esposa tem estado nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Eduardo Pizarro de Almeida, residente em Lisboa.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Comendador dr. Francisco Meireles, de Celorico de Basto.

— Também esteve em Guimarães o nosso prezado amigo sr. João Pedro de Sousa Guise.

— Estiveram nesta cidade os nossos amigos srs. Francisco Gonçalves da Cunha e Arnaldo Monteiro Borges Araújo.

Doentes

Tem continuado a experimentar sensíveis melhoras, com o que muito folgamos, o nosso querido amigo e distinto advogado, sr. dr. José Pinto Rodrigues.

— Já se encontra quase completamente restabelecida a sr.ª D. Maria Manuela Folhadela Melo da Costa Guimarães que, como noticiámos, foi há semanas operada num hospital do Porto.

— Tem passado bastante doente o nosso prezado amigo sr. Amadeu C. Penafort.

— A sr.ª D. Ema Ribeiro Gomes Alves, esposa do nosso prezado amigo sr. Alberto Gomes Alves que em consequência de uma queda sofreu fractura de um braço, foi há dias operada numa casa de saúde do Porto, onde, como noticiámos, se encontra em tratamento, tendo experimentado sensíveis melhoras.

— Foi há dias vítima de um desastre, ficando bastante escaldada no rosto, a sr.ª D. Maria Ester Rodrigues Dias Pereira, esposa do nosso prezado amigo sr. Aníbal Dias Pereira, que já se encontra bastante melhor de tais padecimentos.

— O nosso prezado amigo sr. Joaquim Correia Gonçalves, industrial em Pevidém e que há dias, como noticiámos, foi vítima de um desastre de viação, já retirou do Hospital da Póvoa de Lanhoso, tendo passado bastante melhor nos últimos dias.

Sua esposa a sr.ª D. Maria do Carmo M. Rodrigues Gonçalves, já se encontra a caminho de restabelecimento.

— Esteve bastante incomodado mas já se encontra quase completamente restabelecido o nosso prezado amigo sr. Francisco Correia Pinto Lisboa, conceituado industrial.

— Continua gravemente enfermo o nosso amigo sr. Martinho de Almada Azenha.

Desejamos breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

A Alemanha a produzir e o Mundo a consumir

Máquinas Olympia

Escrever - Somar - Calcular

Agentes no Concelho: REINALDO & GUISE, L.da. — Guimarães

Falec. e Sufrágios

Domingos Alves Machado

Na sua residência na Avenida D. Afonso Henriques e após prolongados e cruciantes sofrimentos, faleceu o sr. Domingos Alves Machado, industrial e antigo proprietário da Foto-Eléctrica Moderna, casado com a sr.ª D. Rita Rosa Rodrigues Machado; pai das sr.ªs D. Ermelinda da Conceição Rodrigues Machado Sobral, casada com o sr. Manuel Simões Sobral; D. Marília Luisa Rodrigues Machado Barros, casada com o sr. Renato Barros; D. Adélia das Dores Rodrigues Machado Rebelo, casada com o sr. Eduardo Nunes Rebelo, e D. Armandina de Lourdes Rodrigues Machado Lopes, casada com o sr. Amílcar Lopes, e tio do sr. Manuel Alves Machado, proprietário da Foto-Beleza.

O extinto foi um grande entusiasta do progresso da P.ªnha, tendo feito parte de algumas comissões que pugnam pelo engrandecimento daquele local.

O seu funeral, que esteve bastante concorrido, efectuou-se na 6.ª-feira, no templo paroquial de S. Sebastião, tendo sido o cadáver trasladado, em seguida e com numeroso acompanhamento, para o cemitério de Atouguia.

A toda a família dorida apresentamos sentidas condolências.

Funeral da senhora D. Rosalina Almeida

Esteve bastante concorrido o funeral da saudosa senhora D. Rosalina das Dores Pereira de Almeida, professora oficial aposentada, cujo passamento já noticiámos e que teve lugar no templo da Misericórdia na 2.ª-feira, às 11 horas.

Entre a numerosa e selecta assistência, constituída por pessoas de todas as camadas sociais, tanto desta cidade como de fora, viam-se muitas senhoras, assim como instituições de caridade, e sobre a urna em que repousavam os restos mortais da pranteada senhora, foram colocados ramos de formosas flores, com sentidas dedicatórias da família e de pessoas amigas.

A chave do caixão foi entregue ao sr. eng.º Coronel Severino Gonçalves Guerreiro Chaves, do Porto, primo da extinta, e no cemitério organizou-se um único turno constituído por senhoras de família.

Aos officios fúnebres presidiu o rev. P.º Garpar Nunes, e findas as cerimónias religiosas foi o cadáver trasladado com numeroso acompanhamento, para o cemitério Municipal.

A família dorida renovamos a expressão do nosso pesar.

A Missa do 7.º dia foi celebrada perante numerosa assistência anteontem, às 8 horas, no templo da Misericórdia.

Sufragando

Na 4.ª-feira, às 9 horas e no templo da Misericórdia, com a assistência de muitas pessoas das relações da família dorida, foi rezada missa do 7.º dia, por alma do saudoso eng.º Manuel Vieira Campos de Carvalho.

— No mesmo templo e na 5.ª-feira às 11 horas, perante numerosa e selecta assistência, foram rezadas missas por alma da sr.ª D. Ana Mendes Ribeiro Freitas do Amaral, comemorando o 1.º aniversário do seu passamento.

— Passando no dia 13, o 20.º aniversário do falecimento do saudoso vimaranense sr. João de Oliveira Martins (Ferra), sua família manda rezar uma missa por sua alma no templo da Misericórdia, às 8,30 horas.

D. Joaquina Rosa Mendes

Em casa de seu filho e nora, o sargento sr. Júlio Mendes e a sr.ª D. Helena Mendes, à rua da Rainha, faleceu, contando 88 anos de idade, esta bondosa senhora, viúva do saudoso sargento sr. Domingos Mendes, tendo-se efectuado o funeral na 4.ª-feira, para o cemitério Municipal.

Ao filho, nora e mais família de extinta, apresentamos condolências.

Vida Católica

Domingo 1.º da Quaresma, Missa própria sem Glória, Credo. Prefácio da Quaresma.

Paramentos de cor roxa.

Irmadade de N.ª S.ª da Consolação e Santos Passos

Reuniu ultimamente esta velha e prestigiosa instituição, resolvendo, após criteriosa ponderação, não realizar este ano a sua antiga e desigual Procissão de Passos, em virtude da necessidade urgente de proceder a obras necessárias ao asseio do Templo e melhor funcionamento do Culto e que desde há muito se vêm impondo.

Os restantes actos da quadra quaresmal serão celebrados com todo o esplendor, havendo Via-Sacra solene, com cânticos adequados, sermões pelo rev. P.º Manuel Carneiro, do Seminário Diocesano e, no final, Bênção do Santíssimo Sacramento.

A celebração do Sábado de Lazarro, revestir-se-á do costumado brilho.

Imposição das Cinzas

Na passada 4.ª-feira, realizou-se, com todo o esplendor litúrgico, a comovente cerimónia da imposição das cinzas aos fiéis, em todas as Igrejas paroquiais.

Sermões Quaresmais

Também principiaram na 6.ª-feira, na Igreja dos Santos Passos, pelas 21 horas, precedidos de Via-Sacra, os sermões quaresmais, que este ano foram confiados ao rev. P.º Manuel de Abreu Carneiro, Professor do Seminário Conciliar. No templo da V. O. T. de S. Fran-

cisco, terão início hoje, pelas 17,30 horas e em todos os domingos da quaresma, os sermões, em que será orador o rev. P.º Júlio Vaz, professor do Seminário de Braga, havendo no final uma solene Via-Sacra.

Nossa Senhora de Fátima

Como de costume, realiza-se na próxima 4.ª-feira, dia 13, a devoção mensal em honra de Nossa Senhora de Fátima, havendo como habitualmente, na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, pelas 12,30 horas, a Santa Missa, terço, comunhão geral, consagração, invocações e Bênção do Santíssimo.

— Também nas igrejas paroquiais de S. Sebastião e de S. Paio, se realizam as devoções de Nossa Senhora neste dia, com missa pelas 8 horas, terço, comunhão geral, consagração e Bênção do Santíssimo.

— Na igreja de S. Dâmaso e na capela de Nossa Senhora da Guia, haverá também exercícios, como de costume, em honra de Nossa Senhora de Fátima.

Nossa S.ª do Perpétuo Socorro

Promovida pela Arquiconfraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, terá lugar hoje na sua igreja à rua de Francisco Agra, a sua reunião mensal de piedade, que constará, de manhã, missas e comunhão geral e, de tarde, pelas 16,30, terço, prática, consagração, exposição e Bênção do Santíssimo, seguindo-se uma solene Via-Sacra.

Comunhão Pascal

Nas igrejas paroquiais de S. Sebastião e S. Paio, realiza-se a comunhão pascal colectiva de todas as crianças das respectivas freguesias, hoje pelas 8 horas.

Via Sacra

Na igreja paroquial de S. Sebastião (Domingas), realiza-se todos os dias pelas 20,30 horas, uma solene Via-Sacra, que se prolongará durante toda a quaresma.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao Largo do Toural, Tef. 40184.

Assembleia Geral Ordinária

São convidados os Srs. Associados da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, a reunirem em sessão ordinária da Assembleia Geral, que se realiza no Salão Nobre, no próximo dia 17 pelas 10 horas.

Se a esta hora não estiver número legal de sócios, fica a mesma Assembleia convocada para a 11 horas, funcionando com qualquer número de sócios.

ORDEM DOS TRABALHOS

Discussão e votação do relatório e Contas da Gerência de 1956.

Eleição dos Corpos Gerentes.

Guimarães, 1 de Março de 1957.

O Presidente da Assembleia Geral, a) Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

Sociedade Protectora dos Animais

CONVOCAÇÃO

Conforme determinam os Estatutos desta Sociedade Protectora dos Animais, convoco os seus associados para assistir à Assembleia Geral Ordinária que se realizará no próximo dia 10 de Março, pelas 10 horas, na sede social, sita à rua da Rainha D. Maria II, para apresentação de contas do ano findo e eleição de novos membros, à qual obedecerá a seguinte

ORDEM DO DIA

1.º — Leitura e aprovação da acta da sessão anterior;

2.º — Apresentação do Relatório da Direcção e contas da gerência do ano de 1956;

3.º — Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1957.

Se à hora e dia acima indicados não comparecer número legal de sócios para que esta Assembleia possa funcionar, fica desde já transferida para o dia 17, no mesmo local e à mesma hora, com qualquer número de sócios presentes.

O Presidente da Assembleia Geral, a) Mário de Sousa Meneses

Falta de espaço

A arrelhiadora falta de espaço obriga-nos a retirar vária matéria já composta, entre a qual a colaboreção «Ecos» e «Carta a uma Senhora», do que pedimos desculpa aos seus autores.

BULEX

Água quente em 30 segundos, graças a este prodigioso aparelho a Gazcidla.

Consulte V. Ex.ª os seus Agentes no Concelho:

REINALDO & GUISE, L.da

Guimarães

D. Maria do Carmo Cardoso do Vale

AGRADECIMENTO

A Família da saudosa extinta procurou já cumprir o dever de manifestar directamente o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas amigas e instituições que lhe apresentaram condolências e tomaram parte ou se fizeram representar no funeral, honrando-a, também, com a assistência aos sufrágios celebrados por sua alma, mas receando de haver incorrido em qualquer falta, embora involuntariamente, serve-se deste meio para, reparando-a, a todos e publicamente expressar a sua indelével gratidão.

Guimarães, 9 de Março de 1957.

129 A FAMÍLIA.

SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS

Federação de Caixas de Previdência

Sede: Avenida Manuel da Maia, n.º 58-2.º

LISBOA

Aviso

Admissão de médicos de pediatria para a Delegação Clínica de Pevidém (N.º 197)

Está aberto concurso documental, pelo prazo de 30 dias, a contar do dia 4 de Março de 1957, para médicos pediatras da Delegação Clínica de Pevidém (N.º 197).

As condições de admissão ao concurso encontram-se patentes na sede da Federação — Avenida Manuel da Maia, 58-2.º - Esq., Lisboa, na Delegação da Zona Norte (Rua Álvares Cabral, 328-Porto) e na Delegação Clínica em referência.

O prazo para entrega dos requerimentos e demais documentação constantes das condições de admissão, termina às 18 horas do dia 2 de Abril de 1957.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 1957.

122 A Direcção,

D. Maria Humberta Teixeira Braga

Agradecimento

Damião Fernandes Braga cumpre por este meio o dever de agradecer, profundamente reconhecido, a todas as pessoas que o acompanharam no doloroso transe por que passou, com a morte de sua esposa, quer apresentando-lhe condolências, quer tomando parte no funeral ou assistindo aos sufrágios celebrados por sua alma nos 7.º e 30.º dia do seu passamento.

A todas manifesta, publicamente, a sua indelével gratidão, por tamanhas provas de amizade e pelo grande conforto moral que procuraram dar-lhe.

Guimarães, 2 de Março de 1957.

117 Damião Fernandes Braga.

Teatro Jordão

APRESENTA

— HOJE, 7.ª 16 e 7.ª 21,30 HORAS —

CINEMA SCOPE

Dançando nas Nuvens

com Gene Kelly e Cyd Charisse

Uma história alegre e sentimental.

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

— TERÇA-FEIRA, 12 -- 7.ª 21,30 HORAS

A QUEDA DE UM CORPO

com Humphrey Bogart, Rod Steiger e Jan Sterling

Um filme verdadeiramente vulgar e dramático.

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

— QUINTA-FEIRA, 14 -- 7.ª 21,30 HORAS

O Pirata de Porto Belo

com Robert Newton e Kit Taylor

Um filme pitoresco, grandioso e heróico.

Espectáculo para maiores de 13 anos

— SÁBADO, 16 -- 7.ª 21,30 HORAS

SOBO SIGNO DO MAL

com Rock Hudson e Julia Adams

135 Espectáculo para maiores de 18 anos

OFERTAS e PROCURAS

Vende-se PRÉDIOS

Um de 3 andares, estando estes devolutos, tendo só o rés do chão arrendado; outro de 2 andares, com quintal, estando todo arrendado, podendo-se entregar o 2.º andar no caso de interessar ao comprador; um outro prédio pequeno, estando arrendado. Todos os prédios estão dentro da cidade.

Informa-se nesta redacção 39

Loja com cave Aluga-se no Largo 1.º de Maio, n.º 15 a 21. Falar com Jacinto Arantes Gonçalves, na Rua Dr. Alfredo Pimenta. 718

Costureira para trabalhos pelas casas, com prática de casacos e vestidos de Senhora. Oferece-se. R. de S. Francisco, n.º 34 - 1.º D. — Guimarães. 118

Vendem-se em Pevidém 27 teares manuais, Jackards, a fabricar Colchas e Cobertores, com Alvará. Com boa clientela.

Nesta redacção se informa, 115

CASA Vende-se, composta de rés-do-chão e 1.º andar com 6 divisões e grande quintal, na Rua Capitão Alfredo Guimarães. Para tratar — Rua da Caldeira, 29. 114

DINHEIRO Empréstam-se 100.000\$000, sobre Propriedades e em primeira hipoteca, ao juro da Lei.

Informa: Arnaldo de Sousa Lobo — Largo da Oliveira, 14 — Guimarães. 121

Máquina de costura «Singer» bobine central, estado de nova, vende-se. Falar: Rua D. João I, n.º 126. 119

VIAJANTE Precisa-se para tecidos, malhas e outros artigos, com carta de condução e grande conhecimento dos artigos e relações c/ clientela em todo o país.

Exige-se honestidade, boa apresentação e boas informações.

Guarda-se sigilo no caso de estar colocado.

Carta a esta redacção. 136

Fábrica de Tecidos Moreirense, Limitada

Moreira de Cónegos

São convocados os sócios desta Sociedade, para a Assembleia Geral Ordinária que se realizará pelas 15 horas, no dia 28 do corrente mês, na sua sede social a fim deliberar:

- 1.º, Aprovação do balanço e contas do exercício findo em 31 de Dezembro de 1956;
- 2.º, Deliberar sobre a criação dum fundo especial para apetrechamento fabril necessário;
- 3.º, Deliberar sobre desvalorização de elementos do Activo;
- 4.º, Deliberar sobre qualquer assunto de interesse social.

O gerente, 134 Isac Ferreira Guimarães.

DESPORTO

O árbitro Joaquim Campos

— um «asar» para o Vitória...

«Uma autêntica barbaridade», assinalou logo, no instante do acontecimento, o locutor da Rádio que relatava o Salgueiros-Vitória, do último domingo, a propósito da grande penalidade assinalada contra os vimaranenses. E, no dia seguinte, também toda a Imprensa foi unânime (a excepção do «Janeiro» já mereceu a repulsa devida) em apontar o erro do Juiz da partida, como facto que desvirtuou o resultado final do encontro.

Esta grande penalidade pode vir a ter, no caminhar do Vitória na prova, uma influência decisiva. Um ponto conseguido, contra um adversário que se candidata também ao título, era meio caminho andado para garantir uma classificação de fundamental importância. Mas o Sr. Joaquim Campos não o quis assim e viu um lance inofensivo do defesa Virgílio, como uma falta merecedora do castigo maior. Recordemos ao que escreveu, em «A Bola», Justino Lopes para justificar melhor o que aconteceu no Campo do Salgueiros:

«O Vitória queixou-se amargamente do árbitro. Há que repetir antes do mais que o Salgueiros ganhou bem — embora jogando muito menos do que é capaz. Mas ganhando com justiça, é certo, não deixa de ser menos verdade que chegou à meta da vitória por caminhos facilitados por erros de arbitragem. Coisas da sorte do jogo. Estávamos optimamente situados para poder assegurar a sem razão do juiz de campo, ao punir o Vitória com a grande penalidade. Qualquer falta deve assinalar-se somente quando o infractor manifeste intenção ao cometê-la. Virgílio não manifestou intenção de jogar a bola com as mãos. Foi «bola na mão» e não «mão na bola». Joaquim Campos foi o próprio a confirmar esse gravíssimo erro ao deixar passar em claro — muito bem — dois lances idênticos decorridos dentro da grande área do Salgueiros, quando a bola foi chutada contra as mãos de Carlos e Carvalho.

Até que ponto poderá ter influenciado o desfecho da contenda essa grande penalidade? Nunca é possível determiná-lo, embora possamos tomar como provável alguma desmoralização da equipa que viu transformada a vantagem de 1-0 em 1-1 (em tarde de pouca inspiração) e como evidente subida da condição psicológica da equipa que transformou o «penalty».

Temos assim, em pormenor, focada a influência do árbitro Sr. Joaquim Campos, no resultado final do encontro do Campo Eng.º Vidal Pinheiro. É mais um facto a juntar a outros, onde o mesmo árbitro tem procedido de maneira a pensar-se que é um «asar» para o Vitória, quando ele lhe aparece a dirigir uma sua partida.

Temos ainda bem na memória a sua actuação, num Vitória-Braga decisivo, quando as duas equipas disputavam ambas a 1 Divisão, que a Imprensa também assinalou, do mesmo modo, como influente na decisão final desse encontro. Nos nossos arquivos temos ainda recortes dos jornais de então, que apreciaram a actuação do mesmo árbitro com palavras, como as que se seguem:

«A arbitragem de Joaquim Campos, não foi muito correcta, pois parece não ter assinalado duas grandes penalidades contra o Sporting de Braga. Numa partida de tanto interesse para qualquer dos contendores, a arbitragem não esteve à altura do encontro.» — (De «O Século»).

«A arbitragem esteve a cargo de Joaquim Campos, de Lisboa. Tal como o Vitória, não foi feliz. Apitou muito e mal. Os vimaranenses têm, porém, maiores razões para se lamentarem.» — (A. O., no «Correio do Minho»).

Esta última opinião é mesmo colhida dum jornal bracarense, insuspeito, portanto, quanto ao jogo em referência. Porém o Sr. Joaquim Campos, ainda na época passada, no jogo decisivo da fase final, Boavista-Vitória, jogado no Bessa, também teve uma decisão que veio a influir, do mesmo modo, no resultado da partida. Deu ordem de expulsão a Rosato, jogador vimaranense, desfalcando a sua equipa, num momento em que esta jogava com domínio sobre o adversário. O resultado final deste jogo foi de 1-0, e ninguém, que esteve no Campo, se apercebeu da razão daquela expulsão. O próprio guarda-redes português, sobre quem foi alegada a suposta falta de Rosato, em entrevista dada dias depois ao «Mundo Desportivo», dizia o seguinte:

«— Rosato não me agrediu! Não dei por qualquer atitude menos correcta. Estava com atenção ao jogo e à posição da bola e não dei por nada de anormal.» E mais ainda: — «Só tinha os olhos para a bola, posso garantir. Para mim, Rosato não fez nada que mereça censura.»

Depois destes três factos que apontamos, com testemunhos de jornalistas independentes e imparciais, como é que podemos julgar a actuação de Joaquim Campos, no jogo Salgueiros-Vitória, de domingo passado?

Queremos somente que, na competição em curso, ou em futuras provas que o Vitória tenha de disputar, ele não volte a aparecer a dirigir-lhe as partidas, pois, pelo menos, dá muito «asar» à equipa de Guimarães, e como o futebol é um jogo em que a sorte não deixa de influir, desejamos que o factor Joaquim Campos deixe de desvirtuar o destino do Vitória na caminhada honrada que percorre no futebol português.

UM DE NÓS.

A Maratona do Futebol Nacional

(FASE FINAL)

Salgueiros, 2 — Vitória, 1

Exibição dos vimaranenses recuperadora da sua confiança

A poule final deste campeonato é uma prova nova. Os resultados da fase de apuramento já quase que se perderam na memória dos adeptos dos clubes que nela participaram. Pode haver um «espinho» ainda a ferir a ideia de algum, mas, na generalidade, a atenção de todos está guiada para estes dez jogos, que vão decidir definitivamente, os clubes com direito a ingressarem na desejada divisão maior.

O Vitória realizou o seu primeiro jogo da fase final e reconquistou, pela sua exibição, a confiança dos seus adeptos. Toda a Imprensa foi unânime em afirmar que os vimaranenses demonstraram capacidade capaz de lhes permitir um lugar daqueles que são ambicionados. Isto vem de encontro à ideia já aqui desenvolvida, de que as últimas exhibições da equipa local, na fase de apuramento, não patentearam o seu valor real e isso, por que os seus elementos, ora descansaram, ora ainda não forçaram as suas actuações, num resguardo lógico das suas energias.

Reconquistada agora a confiança dos adeptos, há necessidade de que estes se decidam, nos jogos que se têm de realizar, a apoiarem a sua equipa de modo a que esta sinta verdadeiramente que todos estão com ela. É da mais fundamental importância este factor para se alcançar tudo aquilo que se de-

seja e que está dentro das ambições dos jogadores, do técnico, dos dirigentes e, logicamente, dos simpaticizantes sinceros.

Não é um apelo o que estamos escrevendo, pois é somente um avivar de memória que entendemos como necessário e como fundamental. Na época passada houve, em determinada altura, um colapso, com o aspecto de cansaço, que fez diminuir o necessário apoio em alguns jogos considerados decisivos. Ainda bem recentemente, em carta amiga, o ex-treinador do Vitória Fernando Vaz nos dizia e nos lembrava essa circunstância, que ele apontava como razão influente na não concretização do desejo dos vimaranenses no campeonato do ano passado.

Que todos nos compreendam na emergência actual e, deste modo, que nunca falte, nos jogos decisivos que se seguem, o grito estimulante dos adeptos do Vitória à sua equipa:

Vitória! Vitória! Vitória!

* * *

O jogo do último domingo já teve o devido desenvolvimento crítico através da Imprensa do País. Toda ela bem assinalou que o seu resultado final foi desvirtuado por um erro do juiz da partida. O Vitória pela sua exibição nunca mereceu perder o encontro e se, em determinada altura, o árbitro com

um penalty injusto não transforma o resultado favorável de 1-0 em 1-1, talvez, no momento presente, fossem os vimaranenses os mais sérios candidatos ao título de campeão.

Num encontro onde, na generalidade, todos actuaram a contento, não se deviam realçar exhibições individuais. Porém parece-nos que, apesar de tudo, não fica mal neste comentário umas referências especiais para Lobato, Silveira, Cesário e Ernesto, pelo esforço abnegado com que se empregaram na luta.

*
Ficha do jogo — Vitória: Lobato, Virgílio e Daniel; Cesário, Silveira e Auleta; Bártolo, Barros, Ernesto, Rola e Benje. Salgueiros: Barrigana, Gualdino e Carvalho; Porcel, Carlos e Germano; Lalo, Lopez, Teixeira, Lenine e Pintos. Arbitrou Joaquim Campos, de Lisboa.

Os golos foram todos marcados na segunda parte — o do Vitória, por Virgílio e, os do Salgueiros, por Lopez e Teixeira.

*
Resultados gerais da jornada: Salgueiros, 2-Vitória, 1; Braga, 5-Farense, 2, e Coruchense, 4-Mon-tijo, 3.

* * *
A jornada de hoje engloba os seguintes encontros: Vitória-Braga; Farense-Coruchense, e Montijo-Salgueiros.

O encontro da Amorosa é sobre todos os aspectos o de maior expectativa. Vimaranenses e bracarenses vão lutar por uma supremacia que o resultado de 5-0 do último encontro, por razões então postas, não definiu definitivamente. Um triunfo para os vimaranenses é da mais alta importância e sinceramente acreditamos nele. Para o alcançar é somente necessário abnegação na luta por parte dos jogadores e apoio constante do público por parte dos adeptos. Creemos que tal vai acontecer, para satisfação de todos os vimaranenses.

L. R.

Campeonato Regional de Reservas

Sempre se realizou, no último domingo, o encontro Vitória-Gil Vicente para este torneio. Os vimaranenses triunfaram por 8-0 e realizaram uma exibição que agradou a todos que à mesma assistiram. Houve boa ordenação no jogo desenvolvido e exhibições individuais de mérito, merecendo um apontamento especial o jovem «Freitas», que uma vez mais deu provas de verdadeira promessa.

Hoje o Vitória vai a Viana do Castelo e, com este resultado, terminará a primeira volta deste torneio.

Foi adiado o jogo de «Solteiros e Casados»

Não se realizou, na última terça-feira de Carnaval, o encontro de «Solteiros» e «Casados», em virtude do dia chuvoso que se apresentou, pois os jogadores dos dois conjuntos são, como era sabido, incapazes de actuarem *debaixo de água*...

Havia grande expectativa para este encontro, sendo portanto pena o mesmo não se ter podido efectuar. Está prevista já uma nova data para a sua realização, que será provavelmente na segunda-feira de Páscoa.

DIA DO VITÓRIA

Comunica-nos a Direcção do Vitória que, segundo o deliberado na última Assembleia Geral do Clube, o jogo de hoje, Vitória-Braga, será considerado «Dia do Clube», tendo, portanto, os sócios de adquirirem um bilhete especial, segundo as normas do artigo n.º 34.º dos Estatutos, para ingressarem no Campo da Amorosa. Para esse fim os cobradores encontrar-se-ão na sede, às horas habituais.

DESPEDIDA

Tendo de retirar-me para Lourenço Marques, onde vou fixar residência e por não me ter sido possível apresentar cumprimentos de despedida a todas as pessoas que me distinguiram com uma amizade que muito estimo, venho por este meio cumprir tal dever, oferecendo a todos os meus préstimos naquela cidade da Província de Moçambique.

Guimarães, 4 de Março de 1957.

Hernâni da Silva
Ferreira Leite.

150

Assinala NOTÍCIAS DE GUIMARAES

Sindicato Nac. dos Op. da Indústria de Calçado do Distrito de Braga

Secção de Guimarães

CONVITE

Conforme determinam os nossos Estatutos e o Despacho de Sua Excelência o Sub-Secretário de Estado e Corporações e Previdência Social, publicado no Diário do Governo n.º 9-2.ª Série, de 12 de Janeiro de 1948, tenho a honra de convidar os sócios deste Sindicato Nacional, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, a comparecerem no próximo dia 14 do mês de Abril, pelas 10 horas, na Sede Social, a fim de reunirem em Assembleia Geral Ordinária, com a seguinte

ORDEM DO DIA:

Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1957/1958.

Se à hora acima indicada não comparecer número legal de sócios para a assembleia poder funcionar, realizar-se-á 30 minutos depois com qualquer número.

Guimarães, 5 de Março de 1957.

O Presidente da Assembleia Geral, 152

a) José Macedo da Rocha.

N. B. — Os sócios devem fazer-se acompanhar dos respectivos cartões sindicais, devidamente legalizados, chamando-se a sua atenção para o Decreto acima indicado que regula as normas do Acto Eleitoral, o qual se encontra patente na Secretaria deste Organismo.

Sindicato Nacional dos Operários da Const. Civil do Distrito de Braga

Sede em Guimarães

CONVITE

Conforme determinam os nossos Estatutos e o Despacho de Sua Excelência o Sub-Secretário de Estado e Corporações e Previdência Social, publicado no Diário do Governo n.º 9-2.ª Série, de 12 de Janeiro de 1948, tenho a honra de convidar os sócios deste Sindicato Nacional no pleno gozo dos seus direitos sindicais, a comparecerem no próximo dia 7 do mês de Abril, pelas 10,30 horas, na Sede Social, a fim de reunirem em Assembleia Geral Ordinária, com a seguinte

ORDEM DO DIA:

Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1957/1958.

Se à hora acima indicada não comparecer número legal de sócios para a assembleia poder funcionar, realizar-se-á 30 minutos depois com qualquer número.

Guimarães, 5 de Março de 1957.

O Presidente da Assembleia Geral, 151

a) Arnaldo Paulo da Costa.

N. B. — Os sócios devem fazer-se acompanhar dos respectivos cartões sindicais, devidamente legalizados, chamando-se a sua atenção para o Decreto acima indicado que regula as normas do Acto Eleitoral, o qual se encontra patente na Secretaria deste Organismo.

FIBRA ARTIFICIAL

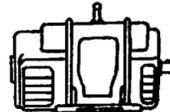


Agentes-Depositários

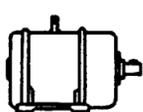
WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO



BOBINAGENS



J. MONTENEGRO TEL. 4510 Guimarães

Antes de Viajar...

... consulte sempre a «Intercontinental» — e «poupará tempo, arrelias e dinheiro»!
A «Intercontinental» reúne secções especializadas de: Passagens de avião, navio e combóio, em qualquer companhia e para qualquer destino; Passaportes individuais e colectivos; Vistos consulares; Organização de excursões dentro e fora do país; Seguros e fotocópias; Moedas e notas de qualquer país; Papéis de crédito e cupões

Agência de viagens «INTERCONTINENTAL»

8, Rua Ramalho Ortigão — Telef. 20235 e 30011 — PORTO (Ao cimo da Av.ª dos Aliados)

528

Canetas de Tinta permanente

Completo sortido de todas as marcas e para todos os preços

Vendas a pronto e a prestações com bónus

CASA DAS NOVIDADES

RUA DA RAINHA Telef. 4350 GUIMARAES

Dr. José Maria Domingues dos Santos

Advogado

15

ESCRITÓRIO: Avenida Conde de Margaride — GUIMARAES.

No Largo João Franco, n.º 20

poderá V. Ex.ª apreciar as Novas Instalações de

A Competidora de Representações, L.ª

Únicos Importadores neste Concelho de Tubos Galvanizados

No próprio interesse de V. Ex.ª não deixe de efectuar uma visita.

TELEFONE, 4523.

125

MALHAS RAFE

Avenida Conde de Margaride — TELEFONE 40305

GUIMARAES

Confecção por medida, em artigos de vestuário, em todas as qualidades de lã, algodão Egito e em rafia em cores.

Para: Homem — Senhora — Criança.

Figurinos do género com as últimas criações da Moda.

TRABALHOS PERFEITOS — PREÇOS MÓDICOS

97

Notícias de Guimarães n.º 1815 — 10-3-1957



COMARCA DE GUIMARAES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pelo 1.º Juízo de Direito desta comarca, correm éditos de seis meses, contados da segunda publicação deste anúncio, cita do D. CLEMENTINA GONÇALVES DA SILVA PONTES e marido AGOSTINHO GONÇALVES MENDES, proprietários, com última residência conhecida na rua 5 de Outubro, freguesia de Oliveira, desta cidade, e agora ausentes em parte incerta, para no prazo de vinte dias, posterior àquele dos éditos, impugnar, na acção especial de curadoria definitiva dos seus bens, requerida por D. Januária Augusta Barbosa Pontes, solteira, proprietária; e D. Maria de Oliveira Barbosa Pontes e marido Américo da

Costa Gouveia Ramos, ele funcionário Público e ambos proprietários, todos desta cidade, a sua alegada ausência em parte incerta.

No mesmo processo são citados por éditos de trinta dias, igualmente contados da segunda publicação deste, os interessados incertos para no prazo de vinte dias, depois de decorrido o dos éditos, impugnar a ausência daqueles D. Clementina Gonçalves da Silva Pontes e marido, ou deduzirem o direito que tiverem em concorrência ou de preferência ao dos ditos autores,

Guimarães, 2 de Março de 1957.

O Chefe da 2.ª Secção,

Maurício da Ponte Machado.

Verifiquei.

O Juiz de Direito

do 1.º Juízo,

Carlos Maria Afonso de Castro.

155

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.